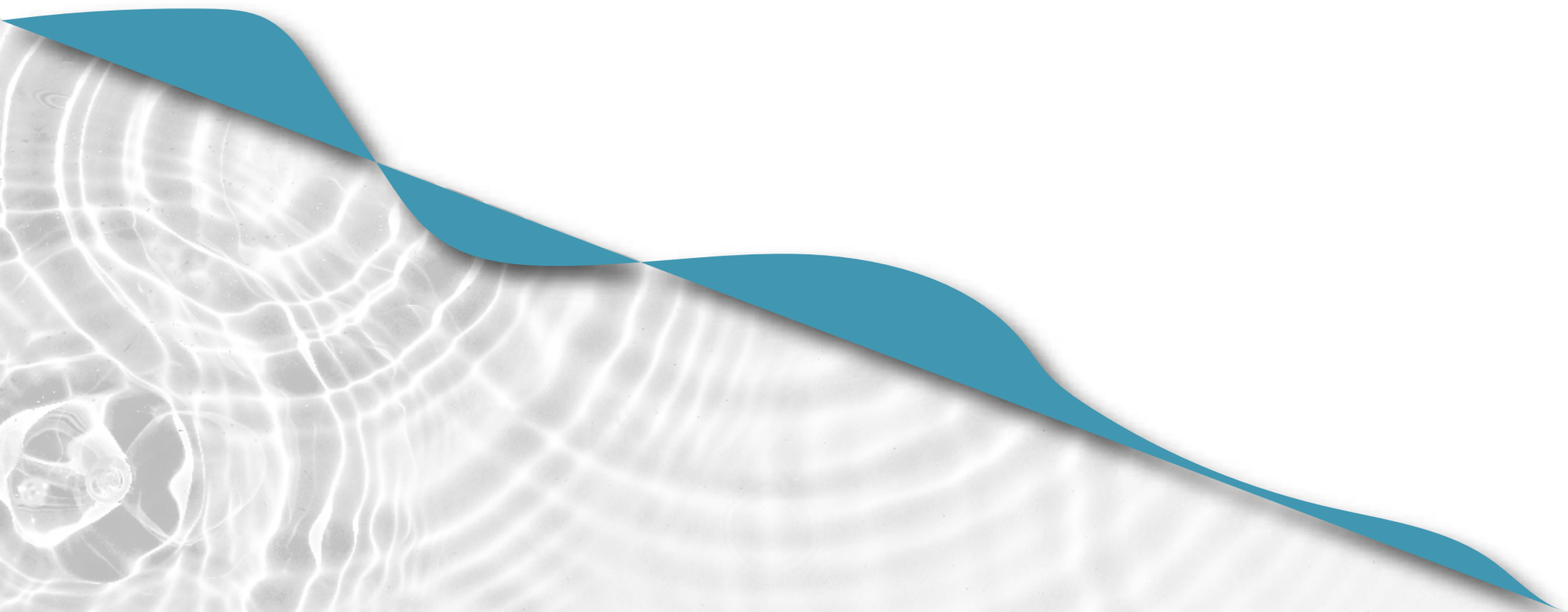
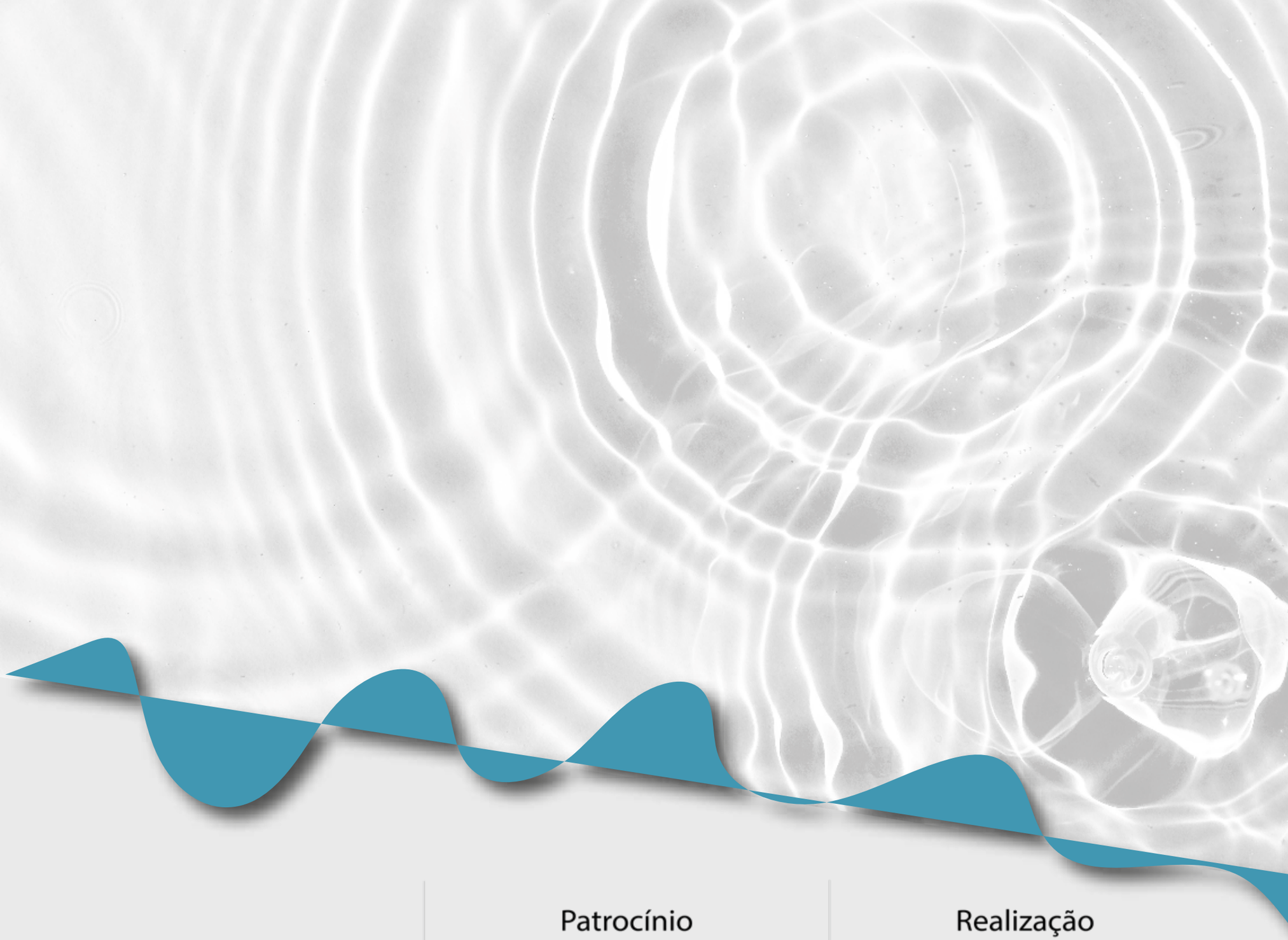
ÁGUA

NOSSA DE CADA DIA

ÁGUA

NOSSA DE CADA DIA





Lei de Incentivo à CULTURA

Patrocínio

GS Inima AMBIENT

Realização

FUNDAÇÃO DO LIVRO E LEITURA DE RIBEIRÃO PRETO

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Silva, Adriana
Água nossa de cada dia / Adriana Silva. --
Ribeirão Preto, SP : Fundação Feira do Livro de
Ribeirão Preto, 2022.

ISBN 978-65-998084-1-8

1. Água 2. Crônicas brasileiras 3. Fotografias
4. Poesia brasileira I. Título.

22-114793 CDD-778.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Água: Fotografias 778.9

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380



Fundação do Livro e Leitura de Ribeirão Preto

Diretoria
Dulce Neves
Presidente
Edgard de Castro
Vice-Presidente
Adriana Silva
Vice-Presidente
Viviane Mendonça
Superintendente

Equipe
Priscila Prado
Bettina Pedroso
Letícia Gomes
Vanessa Cicilini
Bruna Veiga
Ana Luz Mira Messias
André de Castro
Nathiele Dantas

Água Nossa de Cada Dia

Curadores
Dulce Neves
Paulo Henrique Oliveira

Texto e Poesia Gráfica
Adriana Silva

Pesquisa
Ana Luz Mira

Fotógrafos
Alexandre Marchetti
Alex Pazuello
Amdad Hossain
Cristiano Xavier
Enrico Marone
Érico Hiller
Jaewoon U
Joan Carol
Lívia Rebehy
Luciano Candisani
Marcos Amend
Margi Moss
Renato Soares
Ricardo Feres
Satiro Sodré
Sté Frateschi
Yousuf Tushar

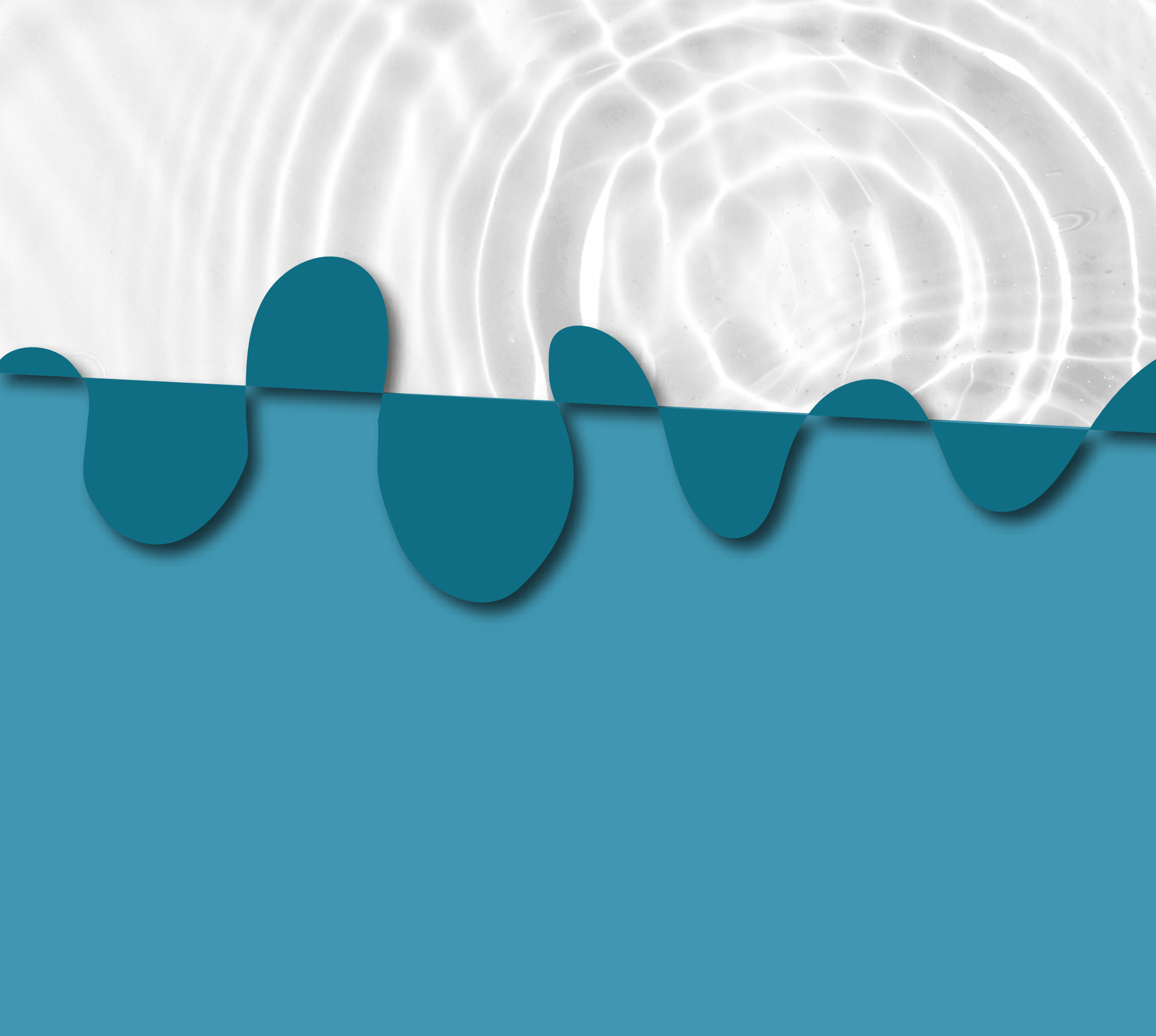
Áudio
Adriana Silva
Ana Luz Mira
Dulce Neves
Leonardo Lemos

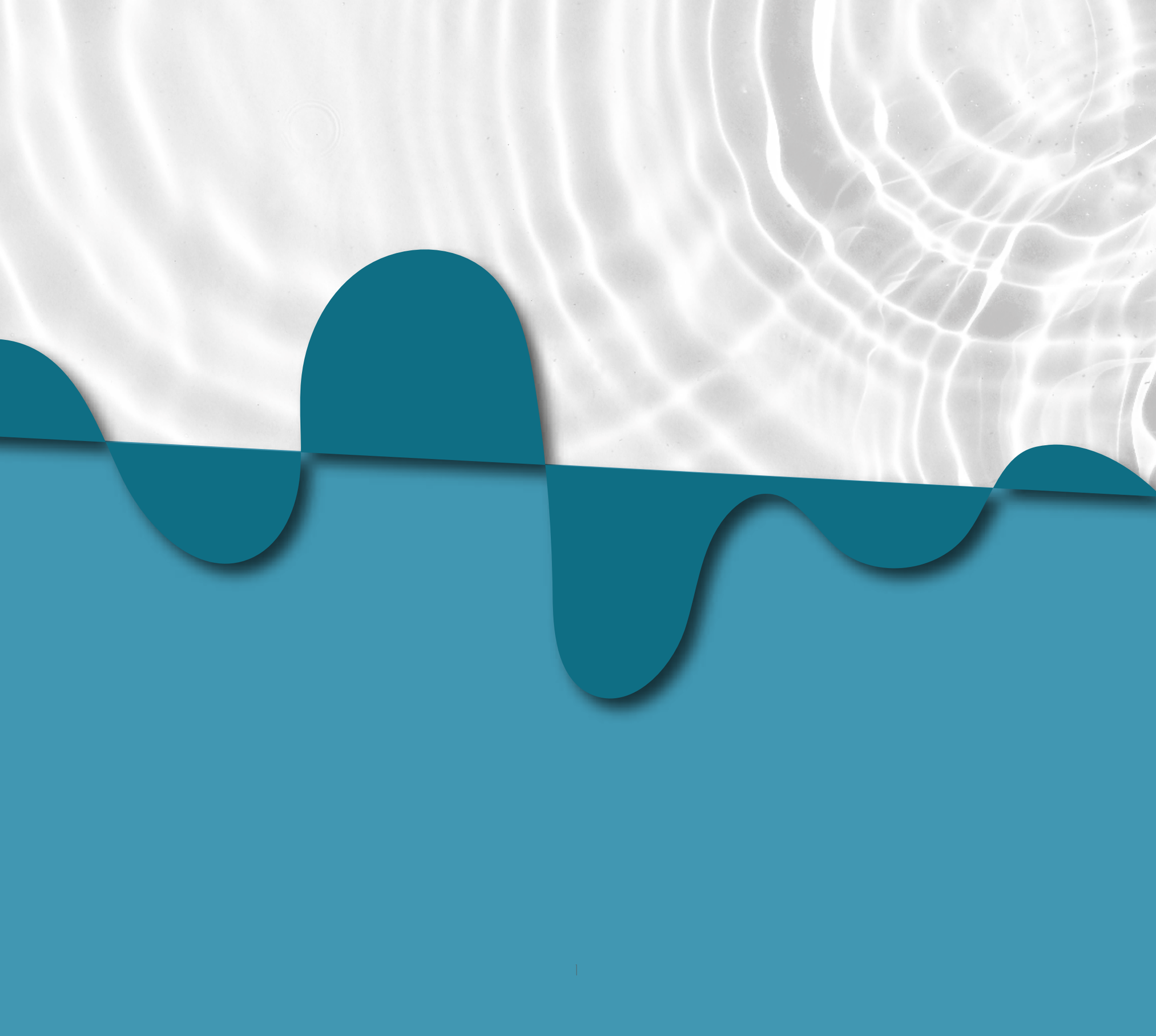
Revisão
Eva Barbosa



ÁGUA

NOSSA DE CADA DIA





APRESENTAÇÃO

Um livro é sempre mensageiro. Neste caso, a mensagem segue revestida de poesia visual. Feliz a ideia de unir a fotografia e a literatura para garantir a evidência do tema água. De tão urgente e necessário o debate sobre a água como elemento fundamental para a manutenção da vida humana no planeta terra, que a GS Inima Ambient tem apoiado iniciativas culturais criativas com o objetivo de motivar reflexões lúdicas, entretanto, basais, para a compreensão das relações estabelecidas entre a humanidade e o uso da água.

Foi assim na primeira versão do projeto Água Nossa de Cada Dia. Uma exposição educativa, com narrativas literárias, reuniu milhares de crianças em idade escolar para pensar sobre o tema divertindo-se com a música, a dança e a arte cênica. Recursos artísticos que, quando usados com sensibilidade pedagógica, influenciam e proporcionam momentos de aprendizagens.

Das crianças aos jovens e adultos, a versão livro do mesmo projeto segue o objetivo inicial e extrapola, em sua concepção de arte e cultura. Fotógrafos, que visitaram vários lugares do mundo, registraram, por meio de suas lentes, imagens impactantes, ora pela beleza, ora pela crítica, ou mesmo pela singeleza. Fotografias que guiaram uma produção textual interativa. Da poesia às crônicas, tudo neste livro comunica. Até o traço mais fino, ou propositalmente irregular, disforme. O tamanho da letra sugere um grito, ou pede silêncio. A cor azul, verde ou marrom, nada, neste livro, é sem intenção. Mas tudo com muita leveza.

Os textos narrados, com áudio que complementa a entrega do produto literário, é uma alternativa novamente lírica, mas também intencional. Deseja aproximação com aquele que tiver o livro em suas mãos. Pode ser um recurso de acessibilidade, se for o caso, mas sempre será um caminho a mais a ser percorrido rumo à difusão literária.

A GS Inima Ambient, que cuida do tratamento e destino final do esgotamento sanitário da cidade de Ribeirão Preto, desde 1996, abraçou esse projeto com todo o entusiasmo, pois vê nele uma ação cidadã capaz de modificar conceitos e despertar no público a consciência de que, cuidar da água, é cuidar da vida no planeta, da saúde pública, do nosso meio ambiente, muitas vezes tão maltratado e, mais do que tudo, garantir a permanência da humanidade.

A Água sempre foi e ainda é de suma importância para as civilizações do planeta, não apenas fundamental para a vida, mas também para o desenvolvimento humano ao longo dos anos. Todas as civilizações necessitam de dois recursos básicos para seu desenvolvimento, ÁGUA e TERRA. O que seria do Egito sem o Nilo ou da Mesopotâmia sem o Tigre.

Todo setor produtivo depende muito da água, seja para agricultura, ou para geração de energia como no caso do Brasil, onde 90% da energia gerada vem de recursos hídricos. Somos privilegiados pois 12% da água doce do planeta se encontra em território nacional.

Orgulha-nos participar de uma iniciativa que conseguiu conectar a discussão sobre a importância da água com a produção de fotógrafos tão talentosos.

Resta-nos a esperança de que este livro possa ser exibido como uma produção artístico-cultural da mais alta qualidade estética e que, subliminarmente, ou de maneira muito escancarada, propague a mensagem de que a água, enquanto herança, precisa seguir sendo herdada.

Para finalizar, deixo aqui um verso de um lindo poema:

Água que nasce na fonte
Serena do mundo
E que abre um profundo grotão
Água que faz inocente
Riacho e deságua
Na corrente do Ribeirão
Águas escuras dos rios
Que levam a fertilidade ao sertão
Águas que banham aldeias
E matam a sede da população.
Terra e Água vida humana![1]

Paulo Roberto Oliveira
CEO da GS Inima Brasil

[1] Planeta Água, Guilherme Arantes.

acqua
water
água
Вода
voda

Água que molha e tremula
Não para na mão, só quando em côncavo reentrante.

Água que escorre quando não tem limite
Não empoça, segue rastejante
Mas não subserviente.
Diferente.
Água é soberana.

azul

blue

μπλε

bleu

blau

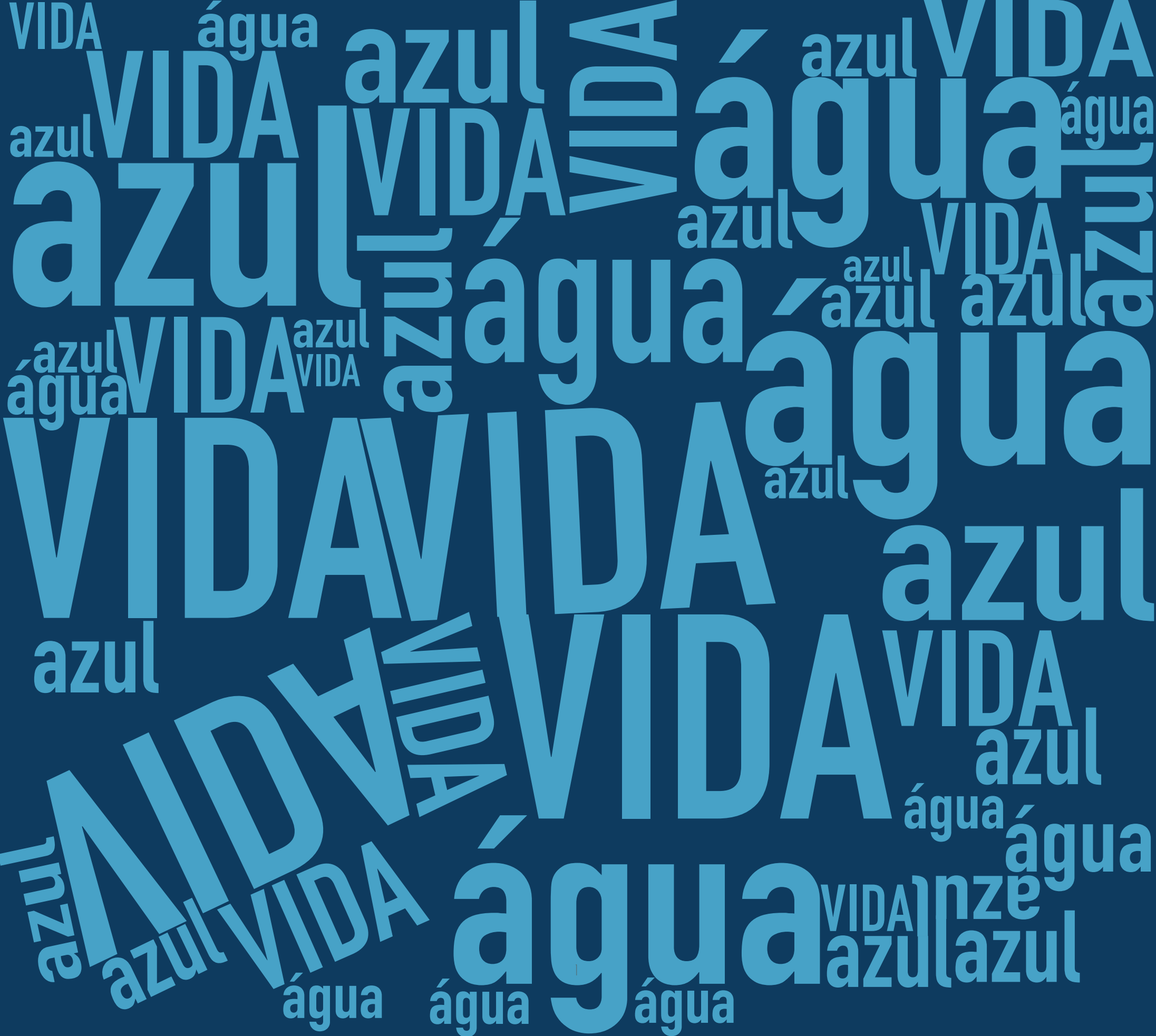
азул

Imediatamente azul.
Mas branca, verde, marrom.
Barrenta.
Azul como poesia.
Desejo visual.
Transparente, quase incolor.
Azul. Esverdeada
Verde. Azulada.
Prata.
Azul como o céu.
Anil.
Azul cor primária
Dela outras derivantes.
Azul água.
Água azul.

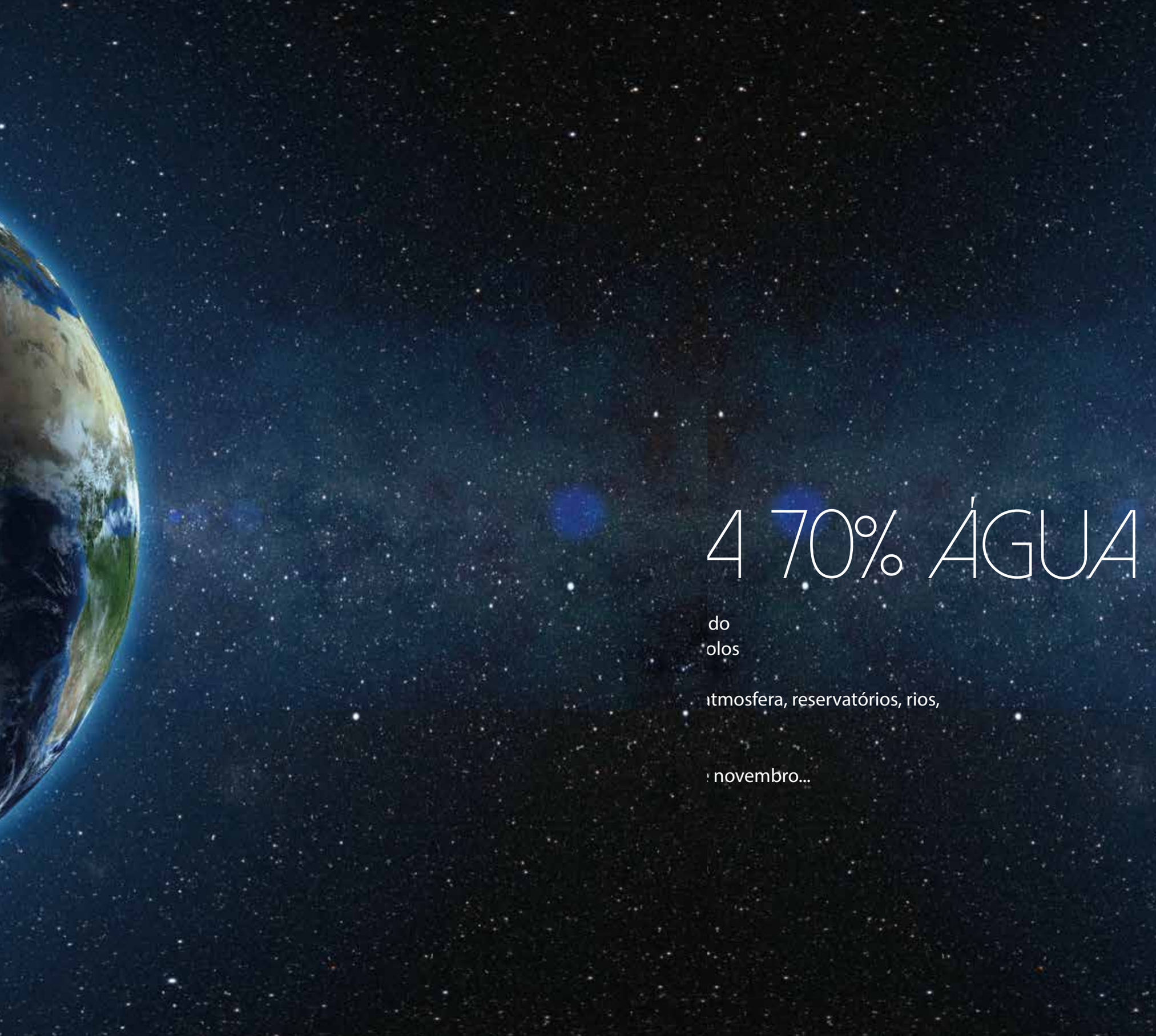
život LA VIDA VITA VIDA



Água azul ou não
Vida sempre.
Dois átomos de hidrogênio
Um átomo de oxigênio
Igual **VIDA**
TUM TUM
TUM TUM
Vida dessas que fazem o coração bater.
As plantas crescerem.
Dessas vidas
Que se somam
Igual humanidade.
Vida sem a qual
Morre tudo igual.
Seco, desidratado.
Água igual vida.
Azul ou não.


VIDA
água
azul
VIDA
azul
VIDA
água
azul
VIDA
água
azul
VIDA
azul
água
azul
VIDA
água
azul
VIDA
azul
água
azul
VIDA
azul
água
azul
VIDA
azul


ERDE
TERRA
EARTH
TIERRA


4 70% ÁGUA
do
olos
tmosfera, reservatórios, rios,
novembro...

AMÉM
AMEN
AMIN
Аминь
아멘
Αμήν

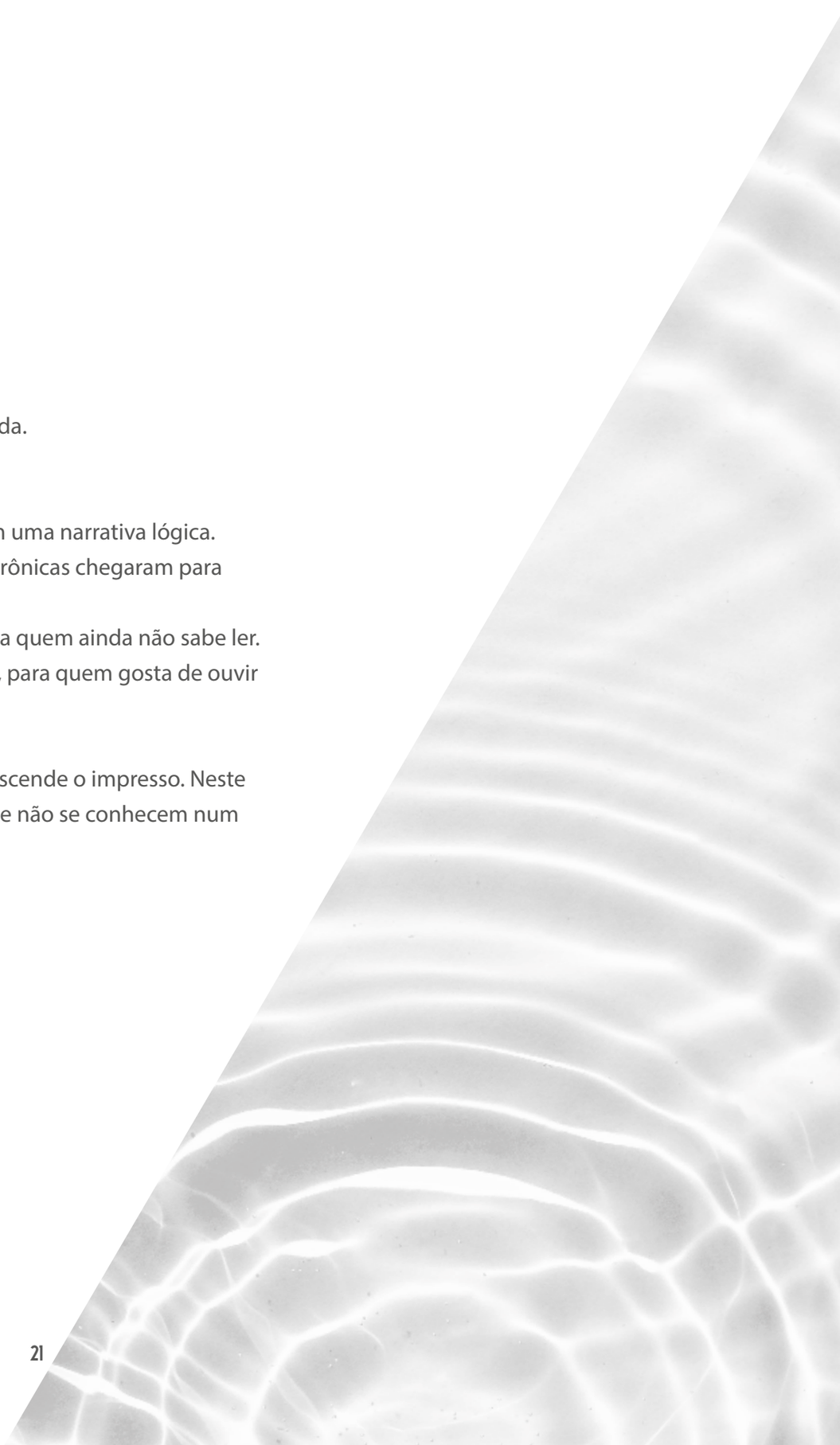
Água Nossa de Cada dia
Perdoai, senhor, as nossas mazelas
Que nenhuma ameaça se confirme
Que a terra não seque
Que a vida não cesse
Que a humanidade não padeça
Da falta d'água anunciada
Que o futuro sobreviva.
Viva.
Que o tempo não seja cruel
E não acabe antes da hora.
Não agora.
Não amanhã.
Nem depois.
Que a água nossa de cada dia
Se renove
Se renove
Se renove
Mais do que nove vezes nove
Tantas quantas nove vezes forem necessárias
Para que a vida não cesse
Que a água não seque.

Para os criacionistas,
Deus, antes de tudo, pairou pela água
Para os evolucionistas,
Da água surgiu a vida
Água mesma, que compõe o corpo
E na biosfera, líquida, hidrosfera soberana
Na química é fundamental, solvente universal.
Filha da fé, água benta.
Abençoa.

Abençoa
bénir
bendecir

Este livro surgiu para promover um encontro entre a água, a imagem e a palavra.
Ao longo de sua feitura, esses elementos se sobressaíram um em relação ao outro.
Ora quem conduziu foi a imagem, ora outra foi a palavra. A água manteve-se fio condutor.
Aqui se tem um livro de fotografias.
Mas tem poesia.
Ou, se tem um livro de poesias, com fotografia.
Tentando ser arte, fez-se mensageiro.
Tentando passar mensagem, fez-se arte.
Então tem arte, mensagem e, mais.
TEM UMA PRODUÇÃO EMOTIVA.
A palavra quis conversar com a imagem que, embora estática, está em pleno movimento
permitindo um ir e vir por novos lugares nesse velho mundo.
Às vezes perto, às vezes longe. Como saber? Tudo depende do ponto de origem.
Este livro, na verdade, trata de pontos comuns.
Velho ou novo. Longe ou perto.
Água. Imagem. Palavra. Pertencem a todos que vivem.
Morando aqui, ou ali.
Gostando disso, ou daquilo.
Ao abrir os olhos: a imagem.
Ao querer viver: a água.
A palavra, neste caso, é alegoria.
Mas alegórica, ou não, a palavra é política.
E, como tal, faz a crítica.
Se falta a água, a imagem é cruel.
Mas pode ser bela, quando a água é cenário.
Água quase parada nos lentos rios.

Ágio quando vai e vem em ondas.
Aparentemente mórbida, na lagoa que seca sem chuva.
Branca, de tanta espuma quando cai do alto.
Depois da primeira rodada de poemas, a partir do estático,
de tanto olhar para as imagens, elas começaram a ganhar vida.
Primeiro uma, depois outra. E, então, o inevitável.
As histórias começaram a flutuar.
Foi uma correria só, capturar todas as palavras. Organizar em uma narrativa lógica.
Mas valeu a pena. Algumas poesias ganharam volúpia e as crônicas chegaram para ocupar as páginas em branco.
Aí, escrever somente, pareceu menos. Era preciso contar para quem ainda não sabe ler.
Ou para quem não vê as palavras impressas. Ou, até mesmo, para quem gosta de ouvir para se deixar ir.
Foi quando resolvemos gravar.
Veja, leia, ouça. E seja nossa companhia, neste livro que transcende o impresso. Neste livro que fala. Que faz mover o estático. Que une pessoas que não se conhecem num encontro em nome da arte.
Sejam todos e todas muito bem-vindos e bem-vindas.



HERANÇA
Eredità
Erbe

ÁGUA PRA VIVER



Foto
Renato Soares

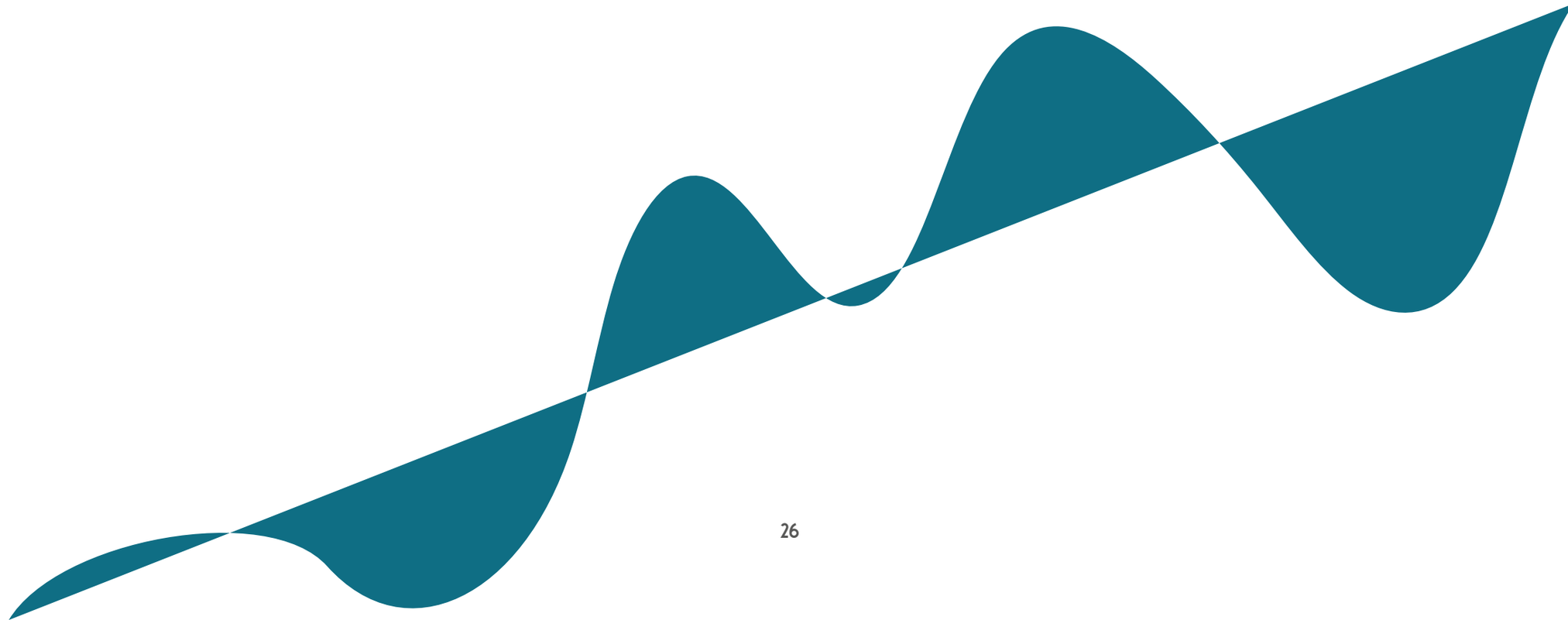
A água nossa de cada dia
não é nossa, dia nenhum.

É HERANÇA
ad aeternum.

Aquele menino que nada nas águas escuras do rio,
sequer imagina de onde elas vieram e o que a escurece.
Ele herdou. Assim como, antes dele, outro.
E outro. E outro.
Há milhões de anos, quando tudo era
diferente e a água já era igual,
ela não era de ninguém.

NÃO

Com cara de futuro,
seus olhos negros como a água,
o menino diverte-se com o corpo submerso
indo e vindo.




INDO
INDO

A primeira vez que ele ouviu falar sobre a água, era uma lenda.

As lágrimas da menina indígena, de tantas,

vindas do sofrimento de amor, molharam os pés e depois alagaram a aldeia.

Fez-se o rio, profundo de tanto choro. Fez-se o mar, salgado de tantas lágrimas.

Dali pra frente, a água chorada virou herança.

Quem pensa que a água é nossa, não sabe que está errado.

Nunca foi. Não é. E não será.

Quem herda não pode se apossar.

Quem vive tem que cuidar

Outros meninos virão para nadar nas águas escuras do rio.

Menino novo, criança ainda.

Não sabe que a água em que ele brinca não é dele.


HERDOU.
HERDOU.
HERDOU.
HERDOU.
HERDOU.
HERDOU.
HERDOU.
HERDOU.
HERDOU.
HERDOU.

E, assim como herdou,

terá que deixar para os outros novos meninos

que quiserem nela nadar.

A água nossa de cada dia, definitivamente,

não é nossa, dia nenhum.

É HERANÇA
ad aeternum.

De tanto olhar para o menino que me olhava sem saber quem era eu, capturado pela lente do fotógrafo, imobilizado, me aproximei. Tanto, que em poucos dias sabia tudo sobre ele. E, se não é verdade o que sei, deixou de ser importante. Ele não me conhece, mas eu o conheço. Quer dizer, eu conheço o menino que veio morar comigo, desde o dia em que a mim a imagem congelada foi exibida.

Na verdade, foi amor à primeira vista. Volta o seu olhar para a foto. Veja como é fácil se apaixonar pelo pequeno que nada nas águas escuras. Parece que ele esticou o pescoço para ser visto pelo fotógrafo. Sorte nossa. Assim podemos saber mais sobre ele.

Eu ampliei a imagem em 300%. E consegui ver de perto os olhos negros do menino de pele marrom. Onde ele está agora? Quis saber enquanto olhava para ele. Mas isso é mania minha. Sempre quero saber para onde foram as pessoas das fotografias.

Um dia, em visita ao centro histórico de Mondevidéu, em frente ao Palácio Salvo, fiz uma foto da família no celular e capturei alguém na janela. Confesso. A família sumiu do meu olhar. Só queria saber quem era aquela pessoa. De onde tinha vindo, do que gostava. Se era muito amada, ou se tinha amado muito.

Tenho um marcador no bloco de notas do meu celular onde eu deixo o registro de coisas sobre as quais quero escrever. Sobre essa pessoa na janela do Palácio Salvo, em Montevidéu, é uma das minhas anotações. Mas não me levem a sério, minha viagem foi em 2015 e ainda não escrevi uma linha. Só lembrei dela, por causa do meu novo amigo nadador das águas escuras.



E é sobre ele que eu quero escrever.

Coloque a lupa sobre a página em que ele foi capturado e faça o mesmo exercício que eu. Fique olhando.

Olhei tanto que logo estávamos conversando.

Ele perguntou meu nome. Respondi, mas ainda incrédula. Ele poderia mesmo conversar comigo? Eu com ele, tudo bem. Mas ele comigo?

Bem, sou eu quem estou escrevendo, então, posso criar o diálogo que quiser. Seguimos conversando.

Ele faz parte da Aldeia Tuyuka Utapinopono. São conhecidos como Filhos da Cobra de Pedra. Vivem no Noroeste Amazônico, na fronteira entre o Brasil e a Colômbia.

O menino, de aproximadamente 7 anos sabe nadar ligeiro. Aprendeu, ali mesmo, no Rio Negro. Se ele tinha 7 em 2018, quando foi capturado pela câmera fotográfica, em 2022, já passava dos 10. Teria ele crescido muito?

Ele disse que, se dependesse dele, nadaria todos os dias, por muitas horas seguidas, no Rio Negro. Mas sua rotina não permite. Ele tem muitas obrigações na aldeia. Na idade dele, já tem que aprender a lidar com a caça e, até mesmo, preparar os alimentos. Durante algumas horas do dia, várias vezes na semana, passam a cantar e a ouvir histórias sobre seus ancestrais. Isso é muito importante para os habitantes da aldeia.

No dia em que foi capturado pela câmera, estava só se divertindo. Na idade dele, ainda não sabe sobre as dificuldades históricas de sua gente. Está sendo poupado, por isso ele ri o tempo todo.

Teve um momento, que eu fiz muitas perguntas para o menino e ele seguiu congelado. Então, me questionei: Por que será que ele só responde algumas das minhas indagações? Foi quando entendi que o garotinho não falava sobre coisas que não sabia.

Quem era eu, para ensinar, a ele, coisas feias do mundo adulto e branco.

Preferi ficar, ali, só falando coisas da meninice.

Perguntei o que ele mais gostava de comer. Suas brincadeiras preferidas. As histórias que seus ancestrais contavam. O que tinha na mata. Os tipos de peixes que viviam no Rio Negro. E ficamos, ali, por muito tempo.

Foi quando ele me perguntou se eu queria conhecer a aldeia.

Fiquei assustada com a pergunta. Se dissesse que não, poderia ser soberba. Se dissesse que sim, teria que dizer a ele que era impossível. Nossa conversa era imaginária. Como poderia eu seguir para a aldeia? Então, disse que, querer, até queria muito. E é verdade. Ainda não conheço nada da Amazônia e está na minha lista de coisas a fazer nos próximos cinco anos.

É. Essa minha lista tem um cronograma longo, eu sei. Mas não quero me frustrar, então, me protejo, dando a mim mesma um extenso prazo para realizar coisas fora do trabalho.

Foi quando ele me disse que, se eu quisesse mesmo, ele resolveria.

Ele, resolver? Como isso seria possível?

O menino de olhos e cabelos escuros, que nadava no Rio Negro, em uma imagem capturada, foi engenhoso. Se você pode criar diálogos

imaginários, eu posso transportar você para dentro dessa página de livro.
Foi o que ele me disse. Aí eu o testei.

Então, sim. Disse eu. Quero conhecer de perto a sua aldeia.

Ei, espera. Espera. Não tão rápido assim.



Foto
Renato Soares



EIN

GLÜCKLICH سعيدة

ÁGUA QUE FAZ FELIZ

BRINCALHONA

MULHER YAMURIKUMÃ

YAMURIKUMÃ

Alira, Iandara, Kaolin, Iacina e Tuane. Os nomes são imaginários. Mas são elas, meninas, mulheres, crianças, jovens. Brincar na água era permitido, naquele dia tão especial. Aldeia Aiha Kalapalo, no Mato Grosso brasileiro. Terra Xingu. A festa do dia era feminina. Os meninos estavam fora da brincadeira. Um ritual. Tão cheio de sentidos que o nome da celebração intitula uma associação que luta pelas mulheres indígenas: **YAMURIKUMÃ.**

Dia de fazer coisas que somente os homens fazem.

O rio era delas. Assim como a voz de comando.

Um dia só. Mas o simbólico do ritual redimensiona o lugar da mulher na aldeia.

Elas chutam a água como empurrando todo o masculino da lagoa.

Ali, já sem os ornamentos de penas e chocalhos tipicamente usados pelos homens.

A perna segue pintada. Pintura de dia de festa.

Mas, sabem, elas, o papel que lhes cabe dentro da feminilidade?

O cabelo longo. O seio que amamenta. A procriação.

Mais. Muito mais.

A ancestralidade. A permanência do seu povo.

O modo de vida. Os rituais.

A terra. A água. A vida.

Femininas. Todas elas, femininas.

Naquele dia, Iacina perguntou.

— Mulher sabe o mesmo que o homem?

Tuane quis entender.

— O que o homem sabe?

— Ser homem - Respondeu Kaolin, entrando na conversa.

Alira achou graça.

— Então não sabemos, somos mulheres.

— O homem não sabe o mesmo que a mulher. É homem.

Seguiram curiosas. Não queriam saber quem sabia mais. Queriam concluir se mulher sabia o mesmo que homem. Mas, depois da indagação, passaram a querer saber também se homem sabia o mesmo que mulher.

E como saber?

Iandara, a mais nova dentre todas elas, que só ouvia, parecendo meio distante, virou a cabeça e, despretensiosa, lançou-se.

— E por que homem tem que saber o que mulher sabe e a mulher saber o que o homem sabe? O importante é que todos se saibam.

Não fez sentido, na hora. Em especial, dito pela mais nova. Parecia até que falava só para não ficar fora da conversa. Sem qualquer pretensão de sabedoria. Tanto que depois de dito, todas elas voltaram a chutar água na lagoa, fazendo graça para os meninos que não podiam entrar na brincadeira. O dia era das mulheres.

FEMININA COMO ÁGUA

Corre, menina indígena.
Celebre a água que herdou.
Sorria, feliz.
Seu povo quer água pra viver.
E vive pra proteger a água que herdou.
Vamos, bata com os pés,
Levante a água do chão
Mostre que sabe o valor que ela tem.
Água pra viver faz bem.
Mata a sede.
E não mata a mata.
Bata os pés no chão.
Molhe o solo pra fazer nascer da terra
O fruto que também é nosso de cada dia.
Sorria pela água que tem.
Mas, lembre-se, ela não é de ninguém.
Assim como o menino de olhos negros
que nada nas águas escuras,
Você também é herdeira.
Corre, menina. Junte-se a ele.
Homem e mulheres.
JUNTOS.
Herdeiros.

É HERANÇA

ad aeternum.

Foto
Renato Soares



É TARDE

Mas não tarde pra rever.

Tarde pra manter o azul do dia.

O céu está amarelo.

No meio do caminho,

Nem azul, nem preto.

Um pouco de vermelho.

É tarde.

Não tarde pra mudar.

Pra mudar não é tarde.

É só olhar pro começo.

APRENDER.

Limpar o que está sujo.

O dia está tarde.

A vida está só mais ou menos.

Pode ser mais do que menos

Mas em tempo.

Ainda tem água

Às vezes, suja.

Ainda tem rio.

Às vezes, mórbido.

Esse aí, parece parado

Sombrio porque é tarde.

Mas tarde do dia.

Abaixo dele, mora a vida.

Acima dele, vive quem mora ali.

PERTO. Na aldeia.

Às vezes LONGE.

Na comunidade.

Tem gente na cidade

Que também vive do rio.

O rio que leva a canoa.

Traz a pesca.

Leva o povo.

Traz a resposta.

O rio na tarde parece cansado.

Mas vem dia, vai noite.

O rio que é grande.

Segue ali, constante.

É TARDE

Mas não tanto.

Tarde não, é, na verdade, muito cedo. Tarde era ontem, quando todos se preparavam para o dia na lagoa Pyulaga. Nas terras Xingu, pescaria é tradição, provimento, ancestralidade, cultura. Sagrado. Peixe é alimento, por isso é vida. Saber pescar é a arte de entender a pesca. Hora. Local. Isca. Rede. Silêncio. Movimento. Rapidez. Paciência. Calmaria. E tudo de novo. E mais.

Ontem, quando era tarde, até ritual do fogo eles celebraram para fazer sumir o cheiro do homem pescador. A cara, de preto, eles pintaram logo cedo. Madrugada.

Ali nas canoas, de dois em dois, eles seguem em um cortejo. Preparados.

Pesca é coisa séria. Mas os pescadores Waurá são festivos. Tem canção para os peixes, entoada pelos mais velhos. Cada qual com sua melodia. Tem histórias e até anedotas. Alegria.

Vai ter piranha, cachorra, arraia e mandi. Vai ter peixe grande, mais ou menos e até pequeno.

Vai ter festa, depois da pescaria. Muito maior do que a da preparação.

Coisa lá, do Alto Xingu, conhecida como Kuarup. Ritual que homenageia os mortos. Dia de encerrar o luto.

Todos juntos, a rede fica imensa. Toma a lagoa e o peixe vem.

O pescado alimenta a festa. A pescaria reforça a tradição. O pescador aumenta as histórias.

Quem gosta de contar o dia, é o mais novo, da canoa mais lenta.

E não é lenta à toa. Remar que é bom, ele não gosta não. Medo

de perder qualquer detalhe, ele segue atento a tudo, sem distração. Por isso remar não é bom não.

Aquela era sua quinta pescaria. Até cinco anos atrás, ficava na aldeia preparando a festa de Kuarup, função que ele passou para um mais novo do que ele.

Agora, bate no peito e se chama de pescador Waurá.

Ele conta que, na segunda pescaria, precisou se jogar na água para resolver uma rede enroscada.

Puxou o ar, nadou bem fundo e, de tão fundo, precisou voltar logo para puxar o ar ainda mais abundante. Fez isso quatro vezes, até que estava bem aquecido e nadando mais depressa. Resistente.

Demorou para ver o problema, mas ele jura que um peixe enorme estava puxando a rede para baixo. Tentando que todos os peixes se soltassem. Ele pegou do outro lado e tentava puxar com mais força. Foi uma luta debaixo d'água.

Quase sem ar, prestes a desistir, ele lembrou de uma das canções de seus ancestrais. Começou a cantar, gastando seu último ar no pulmão.

A toada dizia que abençoado era o peixe que alimentava o homem. E, repetindo essa frase várias vezes, ficou sem ar. Quase sucumbindo, o peixe grande desistiu de segurar a rede. Diferente disso, empurrou o pesador para cima.

Foi o ano em que a aldeia mais pescou. A festa para celebrar os mortos foi alegre.

VERDADE NUA CRUA PURA

Água pra viver pode parecer simples. Cotidiano. Restrito a matar a sede. Mas água pra viver é estratosférico. Planetário. Condição da vida humana. Como herança, está na linha do tempo. Sincroniza a humanidade. Como transitória, em cenário que se pensou, por muito tempo, ser fixo, até mesmo eterno, é ouro líquido.

O planeta, ainda que hoje sabido vulnerável, é mais contínuo do que a própria espécie humana, que sem a água sucumbe, extingue.

Sem vida humana, vive a água. Sem água, padece a vida. E, na condição de indivíduo, o humano passa, a água fica. E, se não fica, com o tempo, o humano não passa.

DURA
UNICA
SINGULAR

Como o tempo hoje já é longo, o saber é extenso, mas a humanidade, ainda que inteligente, é vertiginosamente hierárquica. A água, que deveria ser de todos, é de alguns. Ainda que de muitos, alguns, hoje, quanto mais hierarquia, menos gente em cima mais povo embaixo.

Pode não ser amanhã. Com certeza, não será. Mas logo depois. Enquanto se esvai, um pouco aqui, ali. Muito lá, a herança se rarefaz, e, quanto mais rarefeita, mais rara. Menos abundante. Menos disponível. Mais preciosa. Mais desejada. Mais vulnerável fica a humanidade.

Não precisa ser catastrófico. É tarde, mas nem tanto.

(Sabe-se o que precisa ser sabido.)

ESCASSEZ
Scarcity
希少性
ÁGUA PRA BEBER

Foto Érico Hiller







O fundo do poço ficou ainda mais fundo.

PROFUNDO,

ele esconde o que não pode ser visto.

Para além da superfície, a escuridão só clareia

com a luz que, pela brecha, rasteja enquadrada.

Se fosse desenho do irreal, seria lindo.

Poético pela força vista no braço de pele preta.

Mulher forte, persistente

Busca água para manter-se sobrevivente.

Mas é real. Então, inversamente

Faz-se cruel. Absurdamente.

CRUEL

ESCASSEZ ÁGUA

Escondida está a

ÁGUA

Por isso é que, de longe, bem longe.

Vem ela, junto com elas caminhando.

Pela estrada seca

Sol quente e poeira suja

Em busca

Em busca

Da água pra beber.

Elas não são daqui.
Mas aqui onde?
Aqui é lugar pequeno
Ali de onde todos são
É nosso lugar também.

É O MUNDO.

Irmãos na humanidade
Todos do mesmo lugar.

PLANETA TERRA.
PELE
LÍNGUA
RELIGIÃO
GEOGRAFIA

Ainda que diferente
Não difere a gente na

HUMANIDADE

Mesmo que humanos inumanos
Ou menos humanizados
Isso é coisa de gente besta

HUMANO É HUMANO

Só não é ponto final
Porque nem todos leem
na mesma cartilha.
Alfabetizações diferentes
Criam gente besta
E, como são muitas,
Não dá para colocar ponto final.
Às vezes, nem uma vírgula.
Gente besta escreve diferente

BESTAMENTE

Para alguns tem gradação
Mais humano
Menos humano
Claro que não.
Mas vai explicar!
Gente besta não entende.

VIVER

Não tinha que rimar com sofrer
Está tudo ali.

TERRA

ÁGUA

Seria só dividir.
Tudo bem, não precisa ser em
porções igualmente iguais
Mas todos merecem receber
Água pra beber

VIVER.





Foto
Érico Hiller

Assim que abriu os olhos, o sol não tinha dado bom dia ainda. Ela amanheceu primeiro. Colocou a mão no filho que, rápido, abriu os olhos, querendo que fosse um sonho, mas não era. Hora de colocar a roupa e sair por quilômetros em busca de água. Sem comer. Sem até entender porque aquela rotina era tão rotineira. Mas, no Rajastão, bem no coração do deserto Thar, noroeste da Índia, a sorte era madrasta e a água ficava longe. Tão longe.

No trajeto, o cachorro distraia. A conversa disfarçava a crueldade. Mas, na chegada, tudo voltava a ser macabro. A única água longe era marrom.

Uma depois da outra e a água mexida ficava ainda mais escura.

Os cães também se serviam daquela lagoa e festejavam.

A volta era no mesmo cortejo. Uma enfileirada atrás da outra. Falavam menos. Agora tinham o peso da água. A tristeza do cansaço. E o desânimo em saber que, amanhã, iam precisar de mais água.

As crianças até se divertiam com os cães, já que, ficar dormindo, elas não podiam mesmo. E estar no caminho de volta era a certeza de que a primeira refeição iria acontecer.

Explicar ninguém sabia, porque só tinha água longe e marrom.

O menino pequeno nunca perguntou sobre aquela peregrinação todos os dias. Ninguém quer saber sobre o que nada sabe. Para ele, só tinha aquela lagoa. Água era mesmo marrom. E aquele trajeto nem era tão longe. Ele tinha os cães para se distrair.











Foto Érico Hiller

TERRA
ÁGUA
HUMANIDADE

Foto Érico Hiller



GUERRA

Desde que o humano é humano, sem gradação de mais e menos, briga por algo. Fogo pra aquecer. Carne pra comer. Casa pra morar. Terra pra chamar de sua. Deus pra louvar. Mar pra navegar. Mulher pra desposar. Rio pra pescar. Igreja pra rezar. Ponte pra atravessar. Pólvora pra guerrilhar. Bomba pra ameaçar.

Reflexos das hierarquizações entre os povos. E, no interior dos povos, entre as raças. E, a partir das raças, entre ricos e pobres, homens e mulheres. Escalonados diferentemente em sociedades de humanos iguais.

A água, ao valorar a terra, faz-se pauta da guerra.

Ao garantir a vida, fez-se preciosa.

Quem luta pelo mando, fecha a torneira; tranca a porteira.

Aumenta a cerca. Reforça a seca.

A água que é de beber, movimenta a energia, molha a plantação.

Água, sem a qual, faz da humanidade miserável.

Miséria, sim, tem gradação.

Tem quem tem mais.

Tem quem tem menos.

Água que mata de sede, quando pouca, se suja, mata de germe.

Quando escassa, mata na guerra.

Só faz sofrer quem já sofria.

Transitus
Kryss

ÁGUA PRA IR E VIR

TRAVESSIA



Foto Yousuf Tushar



Mares, rios e canais
Água pra ir e vir
Ligar terras
criar caminhos
Permitir ir
Depois vir

GARANTIR

o encontro de dois pontos.
Às vezes, salvar a vida
Outras tantas, unir os amores.

TRANSPORTAR
LEVAR
TRAZER
TRAZER
LEVAR
Tantas vezes.

Ele correu tanto, para ver os barcos saírem em busca de peixe, mas foi outro dia sem sorte. Na verdade, ele queria mesmo era ir junto com os pescadores. Não queria ficar sozinho, sem ter o que fazer, mais um dia. Achava que se fosse para o mar, conseguiria mostrar suas habilidades e depois iria sempre. Era isso mesmo que ele queria. Ir junto. Para não ficar sozinho.

Ali, na aldeia de pescadores da Cox's Bazar Dry Fishing, em Bangladesh, se não pescasse, ou secasse os peixes, pouco restava para fazer. A família dele, desde os avós dos pais dele, todos pescavam e secavam peixes. Era o que as 5 mil famílias dali faziam. Uma geração depois da outra. Ele nem imaginava fazer coisa diferente.

O que, mesmo, poderia fazer?

Um dia, uma senhora, turista, meio deslocada de tanta beleza, parecendo nitidamente estar no lugar errado, perguntou se ele não gostaria de ser piloto de avião. Ele nem entendeu na



hora o que de fato ela queria saber. Como, ser piloto de avião? Ele era de família de pescadores.

Achou a mulher muito metida. Como poderia ser piloto de avião, se era de família de pescadores?

Mas o certo é que aquela pergunta não lhe saiu da cabeça.

Quando ele perdia a saída dos barcos, ficava ali na praia a manhã toda, correndo de um lado para o outro, saltando a água de braços erguidos, pilotando a si mesmo.

Sabia que seria pescador, mas ser piloto de avião até que não seria ruim não. Ver tudo de lá de cima. Ir longe. Com velocidade. Fazer tudo diferente.

Mas, aí, os pescadores voltavam, entre eles, seu pai e dois irmãos. Ele levava um safanão, por ficar com a cabeça na lua e saía correndo para ajudar a carregar o pescado.

Seria pescador, mesmo sabendo que ser piloto de avião não seria ruim não.





Foto Yousuf Tushar



Podia ser somente uma canoa
Um barco, um navio
Verdadeiros marinheiros
Homens aventureiros
Em busca de descobrir
o outro lado desconhecido
Ou não.
Podia ser a volta
depois da ida.
A chegada, depois da saída,
Podia ser a busca por comida
Peixe
A fuga por vida
A vontade de outras terras
Além-mar
Além continente
Distâncias oceânicas
Percurso curto.
Podia ser uma saída rápida.
Ou não.
Dias, semanas. Até meses.
Teria sido despedida?
Ou uma primeira vista?
O barco que cruza mares
Vence os ventos.
Exibe a força do homem simples
Marinheiro forte.
O homem que precisa vencer
o peixe dele de cada dia.
Alimentar.
Pescar pra vender.
Sobreviver.

Aquele dia estava mesmo sem colorido. Todos estavam tão cansados. A navegação, um pouco antes de terminar, pareceu eterna. Um dos pescadores gritou alto que eles tinham ido tão longe que quase alcançaram o extremo da baía, na península Malaia, a oeste com a Índia e o Sri-Lanka. Outro corrigiu, dizendo que parecia que estavam mais perto de Bangladesh.

A baía de Bengala, no oceano Índico, é a maior do mundo.

Dezessete homens e um barco. Muitos dias em um mar imenso. Tão grande que engolia o pensamento que ousava transcender àquela nave marítima. Tudo tinha que estar voltado à navegação. Mas um dos homens estava preso em terra firme. Seu filho poderia chegar a qualquer momento. O certo era não ter ido. Mas como não ir, se os outros 16 contavam com ele.

Durante a pescaria, ele teve um presságio que seria menino, não sabia até então. O que ele mais queria era ensiná-lo a pescar. Mas se fosse menina, não tinha problema, aí a mãe a ensinaria a preparar os peixes.

A tripulação tinha um ritual para datas como aquela. Muitos já tinham estado no mesmo lugar do amigo de pescaria. Eles cantavam para a família do novo pai. Na verdade, eles estavam cantando ali naquela imagem congelada, puxando o barco para a praia.

"Salve, salve, mar azul, protegei, ó senhor dos altos, criança nova aqui na terra. Salve, salve, ó pescador, pai de família, trabalhador. Salve, salve."

Ele estava na ponta da corda, seria o primeiro a sair correndo, assim que o barco estivesse protegido da água. Alguns amigos gritaram

para ele seguir. Mas ele jamais faria aquilo. Seus amigos precisam de seus braços. Aguardaria mais um pouco para agarrar o filho e beijar a esposa.

Como estava há três dias no mar, não sabia se ia para casa, ou para a vila, onde atuavam os médicos e as parteiras. Mas como queria livrar-se do cheiro do pescado, foi para casa. Um banho lhe faria bem. Na verdade, faria bem para todas as pessoas com quem viria a se encontrar. Ele mesmo estava tão acostumado que gostava mais do cheiro dos peixes do que o perfume que sua mulher insistia em lhe presentear, feito ali mesmo, de ervas aromatizadas.

Quando ele chegou perto de casa, já ouviu o choro de seu filho, que tinha nascido horas depois de ele ter saído para o mar. Assim, foi inevitável. O cheiro do pescado chegou primeiro do que ele. Mas a data era especial, a mulher não o recriminaria. E não o fez. Assim que o viu, chorou de emoção. Era o primeiro. Eles queriam muito uma criança em casa. Mesmo tendo vida simples de pescador.

O homem abraçou a mãe do seu filho e logo pegou o menino no colo.

Ele cantou: "Salve, salve, mar azul, protegei, ó senhor dos altos, criança nova aqui na terra. Salve, salve, ó pescador, pai de família, trabalhador. Salve, salve".

E a mãe respondeu: "Salve, salve."

O pai foi com a criança para perto da janela. Não dava para ver nada, estava noite do lado de fora. Mas era possível ouvir as ondas do mar. O homem pescador, parecendo falar baixo, gritou, no ouvido da criança.

— Ouça, filho meu. O barulho do mar. Logo vai conhecer sua segunda casa.

Quando se mora na Baia de Bengala, quem vive na terra, mora do mar.





Travessia inversa
Entre água, a terra
Caminhos tortuosos.
Trajetos duvidosos.
Retirantes em percurso
levando o que tem
em busca de algo mais.
Mais vida.
Esperança.
Mais comida.
Vida.
Entre as coisas que ficaram,
saudade.
As que levam,
guardam a história
que muitos nem querem contar.

Foto Yousuf Tushar

NEM LEMBRAR.

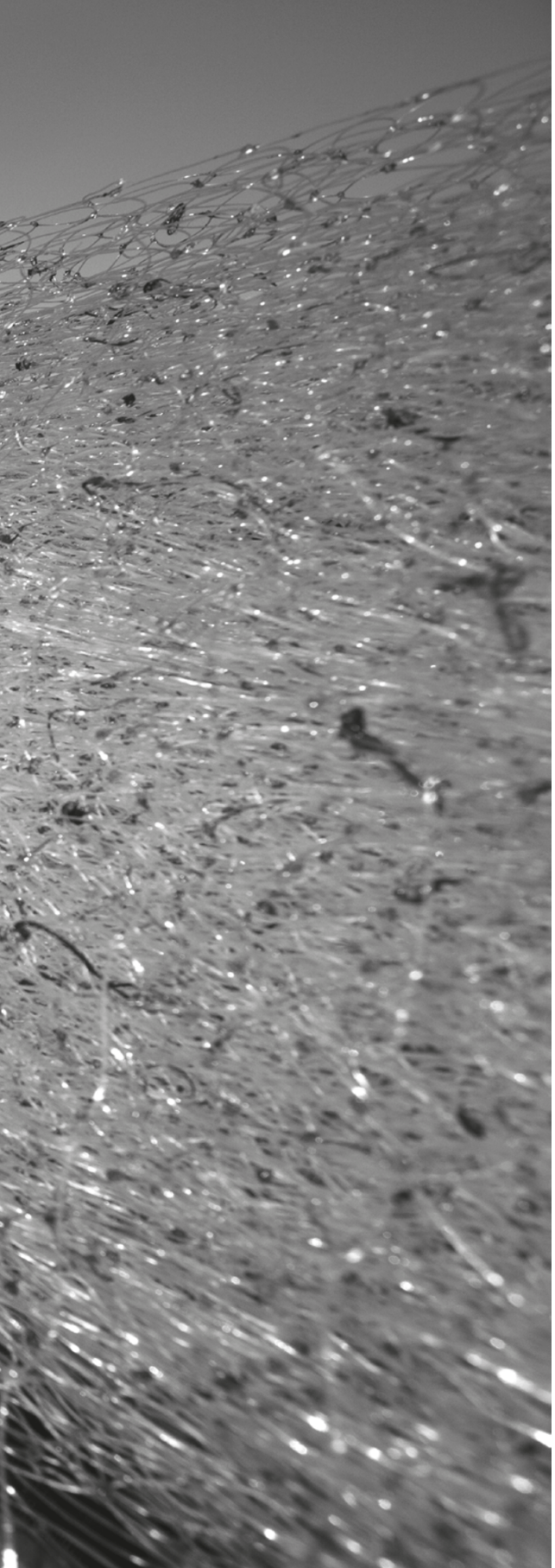
Para os mais velhos,

RECOMEÇO.

Para os mais novos,

BRINCADEIRA DE MUDAR.





SOBREVIVÊNCIA
Supervivencia
Przetrwanie

Foto Enrico Marone



DIVINA PESCA
SANTO ALIMENTO
OFERTA DAS ÁGUAS.
ALENTO PARA
QUEM TEM FOME



Foto Enrico Marone



O homem e sua canoa

Nela, ele é o rei das águas mansas do rio

REI

RIO

Nela, ele vai, ele vem

Às vezes, sai em busca de peixe

Às vezes, ele vai de cá pra lá

E volta de lá pra cá

LÁ CÁ

CÁ LÁ

A água, que tem seu ritmo próprio,

Balança muito, hoje, menos amanhã

E o homem e sua canoa seguem

Quando o rio está pra peixe

PESCA

Quando a chuva turva agita
E o peixe não vem
Ele volta
Mas, amanhã, tenta de novo
Homem moço,
Forte
pescador dos bons
No meio do rio, a canoa fica pequena
Mas ali ele rema e a canoa avança
Parece gigante porque dá conta
Leva o homem onde ele escolhe ir
Às vezes, vai pescar
Às vezes, só passear

O HOMEM E SUA CANOA

O baiano pescador é o rei da sua canoa, em um reinado de extensões expandidas pela costa brasileira. Ali, aparentemente tão sozinho, vive junto de tantos. Homens que pescam como ele, na Reserva extrativista da Marinha de Corumbau. Mais de 500, vivem ali. Uma canoa por família e são reinos flutuantes por todos os lugares. É só conversar com ele e fica claro de onde vem seu reinado. Conhece tudo da região. Condição primeira de qualquer majestade.

E, como sua canoa, vai e vem, reina por ali tudo. Está mais ao extremo sul da Bahia, mas já foi para as Praias do Espelho e das Ostras. De vez em quando, depara com turistas que se aventuram pela Costa do Descobrimento e a Costa das Baleias. É tudo tão distante, aproximadamente 90 mil ha.

Curioso, ele já percorreu o cinturão todo. Aventureiro, conhece as oito milhas náuticas da Linha do Preamar Média. Já desceu e subiu os 65 quilômetros de costa. Sempre rei da sua canoa.

Por ali, são muitos. Cada canoa tem um rei. Cada rei tem uma canoa.

Comunidade tradicional, juntos em um reinado múltiplo, por muitas gerações.

Um pouquinho mais com o rei e ele começa a falar sobre o lugar silenciando qualquer interlocutor. De dentro da simplicidade de sua pequena canoa, com suas roupas vestidas antes de ontem, seu sorriso queimado do sol, sua fala carregada de sotaque, mas também de dialetos do mar e dos rios, explode em conhecimento sobre o ecossistema em que reina de dentro de sua canoa. Seu reinado tem limite devido, mas ele é um gigante em seu pequeno território e, ao ir e vir, vai expandindo o horizonte. Tem dia, como esse aí em que foi fotografado, que ele reina sozinho por áreas enormes.

Já saiu de canoa só para ver a dimensão e abrir os braços. Quando chega perto da Região dos Abrolhos, desacelera seu remo. Ali tem a maior biodiversidade marinha do Atlântico Sul. Sua majestade invade o espaço. Afinal, ao se fazer guardião, protege, e, protetor, cresce na sua significância. Homem do mar.

Ele não sabe, não, repetir os nomes dos corais. Tem os pétreos, Mussismilia brasiliensis, Favia leptophylla, octocorais Olindagorgia gracillis, Plexaurella, Muriceia flammea, mas os moluscos e crustáceos, conhece todos. São seus súditos.

Baleia ele também já viu algumas. Não é área onde ele reina. Mas respeita. Ali ele é que é reinado. Faz reverência, quando de longe um jubarte canta. E como cantam. Uma lindeza de fazer chorar.

Quando é época delas, aparecerem entre julho e outubro, vive indo para Cumuruxatiba, só observar. É ali que elas mais se exibem. Mesmo de longe de uma delas, sua canoa fica miúda e seu reinado minguado.

Tartarugas, ele vê sempre nas áreas da região. Cuida delas e, nesses casos, expande sua majestade, vira um gigante protetor. P e s c a - dor de camarões, sustenta a família para quem também é rei. Quando o pescado falta, beira pelos manguezais. Passa pela foz dos rios Caraíva, Corumbau e Cahy.

E vai. Um dia por vez. Uma pescaria atrás da outra. Observador do lugar, às vezes não sabe onde ele começa e onde termina a natureza. É o Rei da sua Canoa e só.


VIDA
APOIO: Socorro



Foto Enrico Marone



Do rio pro mar
Muda o balanço
O avanço é diferente.
Do rio pro mar
Muda o sal

A DIMENSÃO

A canoa vira jangada
O vento ajuda o remo

O LEME
A VELA

Mas o homem ainda quer o peixe
Da água doce pra

SALGADA
O ALIMENTO.

Pescador experiente
Sente o clima
Antecipa a chuva
Espera o sol
Sabe a melhor hora
O melhor peixe
O melhor dia
O melhor lugar
Pescador, quando vai pro mar,
Deixa a família
esperando o pescado
e, quando termina a pesca,
começa a limpeza
A VENDA
O dia acaba
E amanhã tem pescaria

OUTRA VEZ e depois OUTRA VEZ





Foto Yousuf Tushar

JOGA A PESCADOR

REDE

Joga a rede, pescador,
Joga que o peixe vem,
pequeno ou grande,
ele vem.
E quando o dia acabar
Amanhã ele vem também.
Tem muito peixe nesse mar.
Joga a rede pescador.
Com ela, joga a esperança
E espere que a dança da água
Jogue na rede, o peixe do mar
Joga a rede, pescador,
Um a um, ele multiplica
Peixe pra quem tem fome
Peixe para quem precisa trabalhar.
Joga a rede, pescador,
Tem muito peixe nesse mar.

A água que molha aqui
Molha lá.
Perto ou longe
Pode ser longe ou perto
Do Brasil a Bangladesh,
O menino ainda é menino
No mercado flutuante de goiabas.
Plantada por ali,
De um lugar e outro
Vem da terra para o rio
E da canoa sai da aldeia.
A goiaba que movimenta o mercado

ALIMENTA

Dá trabalho

SUSTENTA

Goiaba, fruto verde
Em tons diferentes
Da cor musgo da água.
Grita menino inocente
Chama a atenção pra sua canoa
Avisa a todos que a goiaba já chegou
Vinda da terra, agora levada pelo rio
Sua ordem é não voltar antes de tudo acabar
Rema de um lado, menino
E do outro, outra vez
Rema nas águas de Bangladesh
Vende a goiaba que outro plantou
Vende para que o dinheiro venha
E, ao plantar outra, e mais
Vende em sua canoa
Nas águas do rio de Bangladesh.

Foto Amdad Hossain







Quando o sol vem e fica,
É verão.
E, sem chuva, o rio míngua.
A areia, sua vizinha,
Reina soberana.
Soprada pelo vento,
Ocupa as margens
E um pouco mais,
Um pouco mais,
Até o rio virar um fio.
A mulher que nele trabalha
Espera.
Espera a areia sucumbir.
E fica ali.
Esperando a vitória do rio.
Só quando a água vence a areia,
Em uma batalha reincidente,
Nos dias quentes de verão.
É que ela pode no rio trabalhar.
Espera, mulher de Bangladesh,
Não há o que fazer
Quando a areia quer se exibir

Foto Amdad Hossain

GELEIRA

Gletscher

Isbre

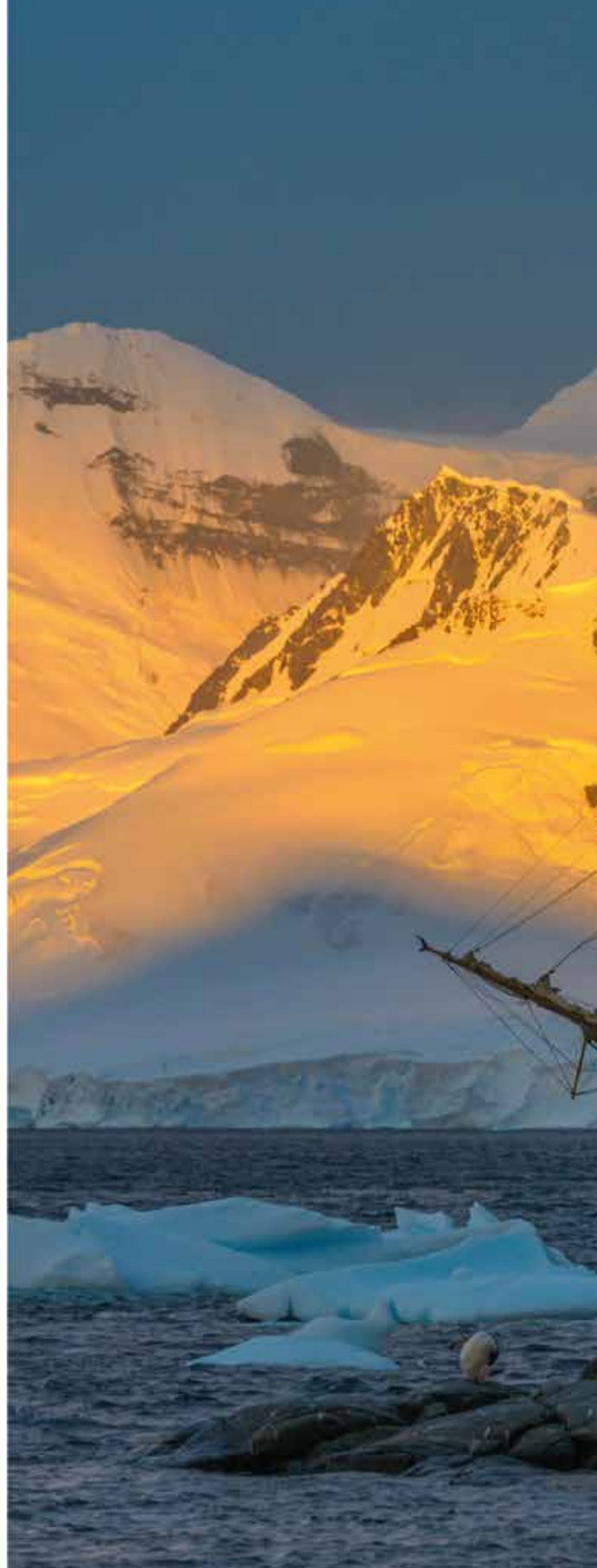


Fotos Marcos Amend

ÁGUA PARA SOLIDIFICAR

Líquida.
Do frio,
Sólida.
Do sol,
de Sólida,
Líquida.
E de novo
Líquida.
Do frio,
Sólida.
Do sol,
de Sólida,
Líquida.
Mas não tão rápido
E que assim seja
Nos polos do mundo.
Se não mais estático,
Pelo menos não rápido
A rapidez é o prenúncio
Da mudança não desejada.
Que o frio a mantenha sólida
As águas nos polos do mundo.
Assim seja.

AMÉM





Nem todos afirmam a mesma verdade, em relação ao processo de desgelo na Antártica. E isso não significa concluir que existam mentiras. Mas dualidades que dividem. Contrários que minimizam a força do coletivo porque sugerem caminhos diferentes. Entre aqueles para quem o desgelo é um processo natural, a mudança é circunstancial. Para os que asseveram que o aquecimento global está acelerando o derretimento das geleiras, mudar é uma condição para a permanência da humanidade na atual modelagem social e urbana.

Com uma área de 14,4 milhões de quilômetros quadrados, quase duas vezes o tamanho do Brasil, a Antártica é o quinto maior continente do mundo. Com temperaturas que oscilam entre -30ºC a -90ºC, não há população nativa. Os que habitam as ilhas são pesquisadores de vários países. A Antártica não é propriedade de nenhuma nação. Um tratado regulamenta os acessos e a manutenção de bases para pesquisa.

Verdade incontestável é que não raramente há o registro de desprendimento de icebergs, como o feito pela Agência Espacial Europeia (ESA), em 2021. O A-76, nome dado para o enorme pedaço de gelo, foi identificado como o maior a se soltar de sua base sólida.

Informações como essa sustentam assertivas de que o degelo da Antártica será irreversível, em 40 anos.

Uma pesquisa da NASA - USA, mostra que a Antártica e a Groenlândia perderam 475 bilhões de toneladas de gelo por ano, entre 2000 e 2010. Na década anterior, as duas juntas perderam 81 bilhões de toneladas de gelo anuais.

O reflexo mais imediato do descongelamento das calotas é a elevação de mares e oceanos, com avanço descontrolado costa adentro.

A água sólida de hoje é também reserva para um futuro incerto. A emissão de gás carbono contraria o processo natural das geleiras e ameaça a harmonia do planeta azul.

CASA

zuhause

bahay

ÁGUA PARA HABITAR





Fotos Luciano Candisani

CONTRASTE.

Céu e Mar.

Homem e animal.

Pequeno e grande.

TUDO APARENTEMENTE AZUL

Mais claro.

Mais escuro.

Perto e longe.

Superficial.

Profundo.

Molhado e seco.

Observador e observado.

CONTRASTE.

embora

TUDO APARENTEMENTE AZUL.

Onde estava o fotógrafo? Desafio uma resposta. Rodopie a imagem tentando encontrá-lo, embora sempre soubesse que jamais o viria. Mas, intrigada, segui por tempo razoável olhando os vários ângulos do invisível.

A meu favor, sabia sobre o lugar. Tonga, Pacífico Sul. Mas não ajudou acalmar a inquietação causada pela cena. Ampliei para ver quem estava na embarcação. Cinco pessoas. Mas onde estava o fotógrafo?

Do outro lado, com certeza, contrário à imagem paralisada. Mas tão perto da baleia soberana. Sem resolver, passei para outras indagações. Onde fica Tonga? O Pacífico é um mundo.

Foi então que me perdi. Saí da frente da foto e mergulhei nas águas de Tonga. Tão longe. Distante do universo até imaginário. Nem figuraria em uma lista de cem lugares para conhecer antes de morrer. Não me proporia a visitar um lugar sobre o qual jamais tinha ouvido falar. E a pergunta não calava. Onde fica Tonga? Somada à anterior: Onde estava o fotógrafo. Que conflito.

Sobre Tonga, uma pesquisa e lá fui eu.

Descobri, lendo a BBC, que existe um Vulcão Submarino em Tonga. E fiquei acanhada por não saber, quase intimidada até em escrever que não conhecia nada sobre o lugar, pois foi notícia em janeiro de 2022. Outro dia mesmo. Uma erupção.

O Vulcão Hunga Tonga-Hunga Ha'apai causou uma explosão tão barulhenta que pôde ser ouvida até nos Estados Unidos. Distante dali 10.525 quilômetros.

E as notícias foram me consumindo. Uma senhora morreu na

tragédia tentando salvar seu cãozinho atingido pelas águas das ondas que se ergueram e chegaram na costa do país.

Segui as informações, em um *link* após o outro e a calmaria veio. Alguém mais queria saber o mesmo que eu. Fiz uma aproximação e encontrei a Deutsche Welle, emissora internacional da Alemanha, que produz jornalismo independente em 30 idiomas.

Sua publicação, no dia 18 de janeiro de 2022, no *site* Poder 360, foi a minha salvação.

Lá estavam as minhas perguntas com respostas. Menos, é claro, onde estava o fotógrafo. Mas essa deixei para depois. Naquele instante, precisava saber sobre Tonga. Confesso que até palpitação eu senti.

Então, vamos lá. Compartilho aqui as informações da emissora.

Tonga é um arquipélago pertencente à Polinésia. Tem uma extensão de 800 quilômetros, sub-região da Oceania. Para localizar melhor, algumas referências de proximidade são necessárias. Está a leste das Ilhas Fiji, ao sul de Samoa e ao norte da Nova Zelândia. É composto por 172 ilhas. Somente 36 são habitadas. Um pouco mais de 100 mil pessoas moram ali.

Tonga é uma monarquia constitucionalmente hereditária.

A economia gira em torno da agricultura, que corresponde a 1/5 do PIB. Exportam baunilha e peixe. E o turismo é a segunda maior fonte de renda.

Satisfeita com as informações, me acalmei.

Sobre onde estava o fotógrafo, no momento da foto. Só ele mesmo para responder.


COROZAL



Mergulhar em Belize é presente de Deus. País da América Central, ali perto do México, mais ao norte. Do Golfo de Honduras, a leste. Avizinhado com a Guatemala, pelo sul e oeste. Local com a maior barreira de recifes do hemisfério Norte e o segundo maior do mundo. Reduto de tartarugas e crocodilos marinhos. Área que abriga o Gret Blue Hole, uma caverna submarina com mais de 318 metros de largura e 124 metros de profundidade. Uma curiosidade cheia de mistérios.

Com destaque para a pesca e o turismo, mais de 200 mil pessoas dependem dessas belezas e da produtividade do mar.

Belize destaque-se ainda como protetora de si mesma. A legislação é inovadora e as estratégias adotadas para a preservação marinha são amplas, desde a exigência de licença para os indivíduos pescarem, a necessidade de relato sobre tudo o que é capturado, até a manutenção de uma Creche do Mar, local onde animais jovens, em estados de vulnerabilidade, são cuidados até se tornarem fortes para serem levados de volta aos recifes ou a outros ecossistemas apropriados.

O turismo é, em si, uma atividade educativa. O visitante é convidado a participar de uma jornada pelo ecossistema, começando pelas florestas de mangues, consideradas Guardiãs da Costa. Os manguezais, além de abrigar espécies de peixes que podem ser comercializadas, permitindo a pesca artesanal, é também importante fonte para mitigar as mudanças climáticas, agindo como sumidouros de carbono.

Durante o passeio pelas Cidades do Mar, fica visível a interferência humana na natureza marinha. Pequenas ações, como alimentar os peixes em seu hábitat desarmoniza o ambiente. Assim como o uso excessivo de filtros solares inadequados, que utilizam avobenzona e a oxibenzona, por exemplo, agridem a vida marinha, porque são tóxicos para os recifes de coral.

Foto Luciano Candisani





Foto Luciano Candisani

As crianças filipinas mergulham no Danajon Bank, com a facilidade com que respiram para viver. A harmonia visível parece uma dança natural. Quase como coisas nos lugares certos. Único recife de barreira dupla do lugar, de rara formação geológica. Existem somente seis recifes, nesse formato, registrados em todo o mundo.

Outra raridade no Danajon Bank são as três espécies de corais ameaçadas de extinção: coral cogumelo, o bolha e o elefante.

Com área total de 272 quilômetros quadrados e um litoral com mais de 690 quilômetros, agrega 40 ilhas, ao seu redor. A pesca é importante para a região, mas o declínio da população de peixe emitiu um alerta às autoridades preservacionistas. Medidas restritivas foram adotadas, como a criação de 34 Áreas Marinhas Protegidas.

Foi a única maneira de garantir que as crianças que mergulham hoje possam ainda ver os peixes de cabeça chata, os peixes papagaio, anjos, bodiões, linguado de borda azul, cachimbo, em um futuro próximo.

VOAR

VOAR

VOAR

para volar

VOLARE

Foto Margi Moss



ÁGUA QUE SOBE

RIOS VOADORES

Poetizam já no nome
Longe do imaginário
Fora do padrão
Contra o já sabido
Sobem águas altas
Para habitar as nuvens
E depois voltarem chuva.

EVAPORAR, SUBIR, DESCER, MOLHAR

em um movimento valsado
quase inacreditável
de tanta beleza.

Foto Margi Moss



PARA DEPOIS DESCER

ENERGIA

енергија

tamarta

Foto Alexandre Marchetti

ÁGUA PARA ILUMINAR







ITAIPU

PEDRA QUE CANTA

Foto Alexandre Marchetti

Quando, em 1973, brasileiros e paraguaios procuravam um ponto central para a construção de uma hidrelétrica binacional, na Foz do Iguaçu, o ponto indicado foi Itaipu, em tupi, "a pedra que canta". E basta se aproximar para ouvir.

A região foi sendo redesenhada. De 20 mil habitantes, assentados em duas ruas pavimentadas, dez anos depois, já eram 101 mil moradores

O Rio Paraná foi sendo emburrado um pouco aqui, outro ali. A Radiobrás noticiou, em 1978 a explosão que concluiu a primeira fase de construção.

A produção de energia foi iniciada em 1984. Entra em operação a primeira das 20 unidades geradoras do projeto. Dezesseis anos depois, a Itaipu Binacional gerou 93,4 bilhões de quilowatts-hora. Era um recorde mundial de produção. Em 2004, com 20 anos de atividade e muita água jorrando, a hidrelétrica já tinha produzido energia para abastecer o mundo durante 36 dias.

Em 2007, um novo marco. As 20 turbinas do projeto original estavam instaladas. Com as boas condições de chuvas e armazenamento de água do Rio Paraná, a geração se aproximava de 100 bilhões de quilowatts-hora.

Itaupu quebra seus próprios recordes. Considerada a maior produtora de energia elétrica limpa e renovável do planeta, alcança, em agosto de 2012, a marca histórica de 2 bilhões de megawatts-horas. Quantidade suficiente para abastecer o Brasil por 4 anos e 8 meses.

AMBIENTE
környezet
environment

Foto Alex Pazuello



SERPENTEIA RIO TAPAUÁ
ZIGUIZAGUIANDO

Dança.
Leva a água em ritmo calmo, devagar.
Molha a terra, acolhe o verde
Corta o estado do Amazonas
Segue seu destino
Vai indo. Sem parar.
Percorre seus 640 quilômetros
Adiante alguém o espera
Leva calmaria
Banha as aldeias na sua passagem.
Resista firme, Rio do Brasil.
Fonte de vida.
Marca da natureza.
Dança.
Dança.
Em ritmo lento.
Segue o vento.
E vai. Sempre.



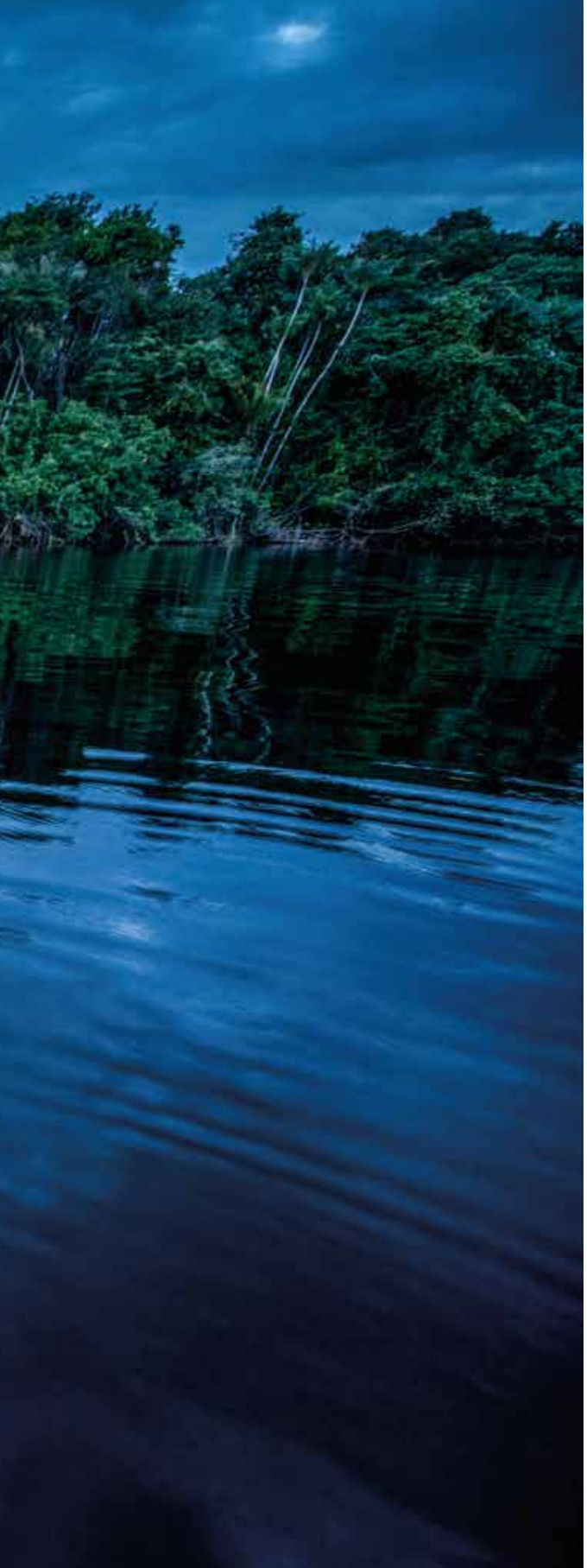


Foto Alex Pazuello

Ele me desafiou a adivinhá-lo. Ali, naquele minúsculo quadrado. No meio do azul. Que de tanto, eu quase o perdi. Sabe aquela vontade de virar a foto, para ver o rosto. Senti. Ilusão.

Ao não ver, juntei toda a imaginação. Em um primeiro momento, nem um montão deu conta. Concentrei-me. Parei no mesmo lugar que ele. Pedi um quadrado emprestado. Ele nem se mexeu. Ignorou-me totalmente.

Ele nadou até ali, vindo de onde? De Barcelos, cidade mais próxima, ali mesmo no Amazonas, quis saber. Estava esperando, ou sendo esperado? Imaginando, ou sendo imaginado? Olhando, ou sendo olhado?

E aquele azul seguia me intrigando. Estava mesmo ali, ou era magia capturada em um único momento do *click*.

Não adiantava perguntar, porque ele não me respondia. Seguia me ignorando, a toda prova.

Empurrei meu quadrado para mais perto do dele. Foi aí que ele me olhou, mas somente para mexer o quadrado dele para mais longe de mim. Ainda não tinha visto seu rosto. E era tudo o que eu queria.



Queria ver se era de alegria. De preocupação. Se tinha fome, sono, ou até mesmo medo da escuridão.

Ampliei artificialmente o olhar. O calção e os cabelos estavam molhados. Tinha nadado há pouco. Mas não estava cansado. Mal ouvia sua respiração. Pelo tamanho do pé, a ossatura, olhando a estatura, não tinha mais de 7 anos.

Era do lugar, eu é quem era estranha.

Magrinho, jeito de serelepe. Não tinha medo da água, que naquele horário também era azul. Mas devia ser preta. Sem luz.

Fiquei ali, o quanto pude. Era quase uma birra conseguir ver o seu olhar. Teria, o fotógrafo outro ângulo? Apelaria. Mesmo trapaceando. Apelaria. Queria ver o que ele via. Olhar para onde ele estava olhando. Ver o que via. Sentir o mesmo.

Fui ficando o quanto podia. Um pouco. Um pouco mais. Ele me vencia.

Aí desisti. Deixei-o ali, onde vai ficar por muito tempo. Sem se cansar. Sem comer. Sem me ver. Só de costa. Para mim. Mas também para você.

RIO

河

fleuve

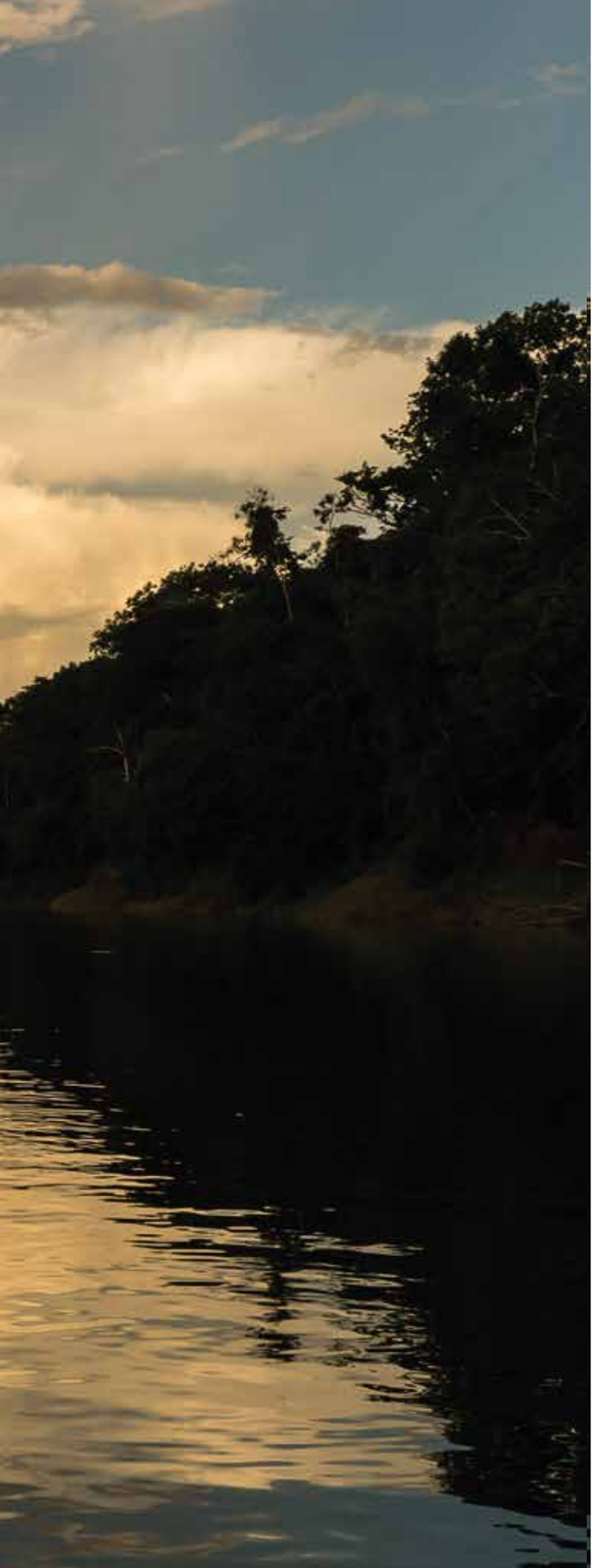
Foto Lívia Rebehy











AMAZÔNIA
BRASIL
BRASIL
AMAZÔNIA
BRASIL
AMAZÔNIA
BRASIL

INOCÊNCIA
Kawalang-kasalanan ubumsulwa

Foto Amdad Hossain



ÁGUA PRA BRINCAR

Ah! Meninos levados. Nem o frio congelante depois de três dias de chuva põe fim na brincadeira. Exibindo-se sorridentes, revelam-se felizes. Contagiante. Quem não devolve imediatamente o sorriso sapeca depois do contato? De guarda-chuva improvisado, divertem-se depois de um dia longo. Para não serem vencidos pelo clima, resolveram vencê-lo. Na água funda de tanta chuva, buscam a redenção.

Claro que estão escondidos. Suas mães não permitiriam tanto risco de doenças.

Mas, agora, estão aí para sempre. Foram capturados pela lente. Congelados no momento. Molhados para toda a vida.

Com essa imagem, viajam o mundo. Da aldeia de Chittagong, Bangladesh, para Ribeirão Preto, Brasil. E também vão ser visto ali. Lá. Também do outro lado. Talvez em muitos lugares mais. Não vão envelhecer. Nem adoecer. Nem mesmo parar de sorrir. Agora é para sempre. Até todas as imagens sobreviverem. O que será por muito e muito tempo.



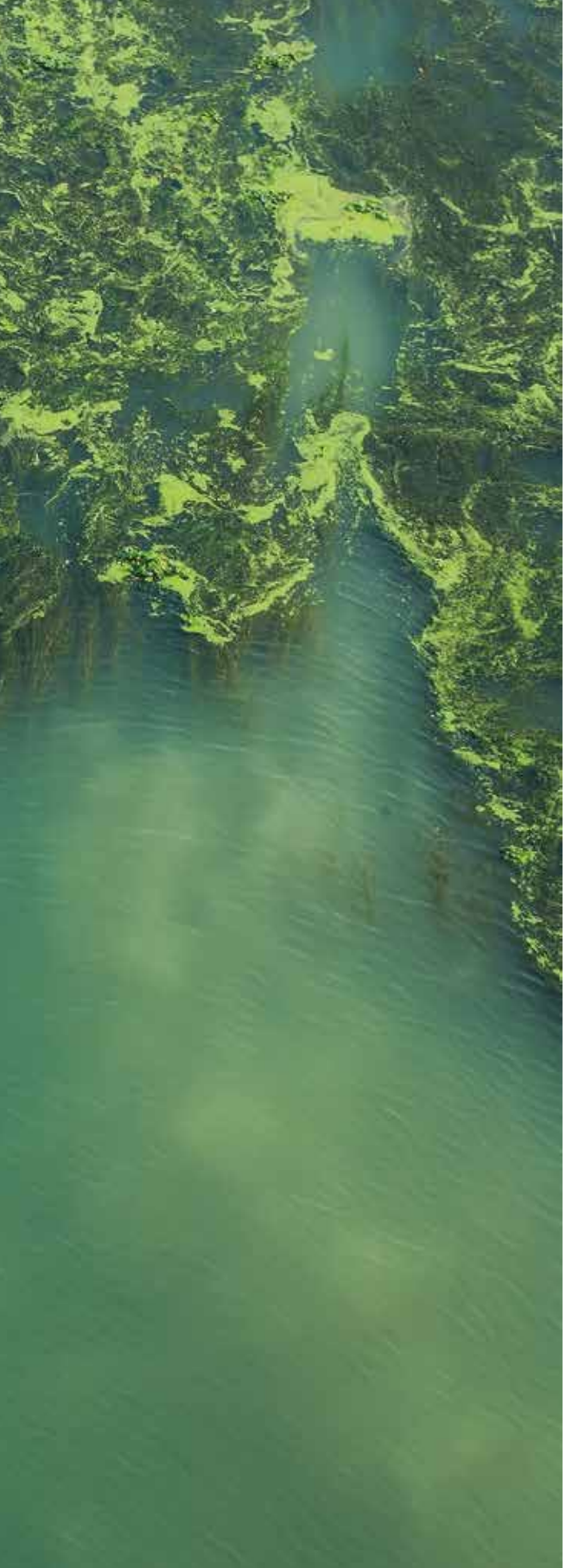


Foto Amdad Hossain

O olhar do fotógrafo, de pé sobre uma ponte, como ele mesmo explicou, foi para as plantas e algas na ondulação do rio, com destaque para o tapete colorido formado a partir do contorno do barco, parado no Rio Ullahpara, no distrito de Sirajganj, em Bangladesh.

O meu foi para os cinco meninos, em formato de estrela, despreguiçando na embarcação, guiada pelo homem de pés descalços que observa a meninice.

Dois deles olham para cima. Querem ser vistos pela lente.

Os outros três seguem esticados, só de boa, relaxados.





Do outro lado do mundo. Aqui mais perto. Ali em Patrocínio, zona rural de Minas Gerais, também as meninas brincam no rio. Ingênuas. Procurando não sei o quê, elas se divertem. Empurram a água com o pé, do rio que não é fundo. Riacho.

Sem medo de bicho, nem com frio, se jogam.

Foto Lívia Rebehy

ÁGUA PRA VISITAR

BELEZA

kageulisan

красота

Foto Ricardo Feres









Que terra linda!
Quando tem água,
Mais linda ainda.
Dos Lençóis Maranhenses,
na costa atlântica do lado Norte.
Brotam lagoas
Bonitas.
Azuis.
As maiores.
Ecossistema diversificado
Paisagem desértica
Pântanos de mangais.
Brasil
Riqueza sem igual.
Beleza natural.

Foto Luciano Candisani





Fotos Ricardo Feres



CATARATAS DO IGUAÇU

Pura dimensão

EXTENSÃO
PROFUNDIDADE
QUANTIDADE
FORÇA

Maior conjunto de quedas d'água do MUNDO
Está no Brasil.
Ali. No Sul.
No Paraná.
275 quedas
Que levam a água de cima pra baixo.
Quando chove, explodem.
Sua vazão aumenta
Tantas vezes que
de 1,5 mil metros cúbicos
Vai para 11,3.
Por segundo.
Aí vira a terceira maior do mundo em volume.
Está no Brasil.
Ali. No Sul.
No Paraná.





LITORAL

Visto por dentro, o Brasil tem o imenso traçado verde da Amazônia. De fora, o contorno azul da costa marítima. A água como elemento comum é fonte de riqueza nacional.

Com um desenhado litoral, de mais de 7 mil quilômetros e uma diversidade ecossistêmica que se altera entre praias, recifes de corais, baías, dunas, estuários, mangues, restingas e falésias é o cenário de pescadores e turistas.

Oceano adentro, as reservas de petróleo ocupam as plataformas continentais.

A costa abraça um dos lados do Brasil. Ao norte da foz do Rio Oiapoque ao delta do Parnaíba. Dali segue rumo ao Nordeste, até o Recôncavo Baiano. Chega ao Sudeste pelos mares paulistas. De um extremo ao outro, corta o Paraná, até terminar no Arroio Chuí do Rio Grande do Sul.

Fotos LUCIANO CANDISANI

ESPORTE

halekuhi

スポーツ



Foto Satiro Sodré

TIBUMM TIBUMM TIBUMM

ÁGUA PRA SE EXIBIR

SALTA.
DO ALTO.
NO PONTO.
SEM CONTRAPONTO.
NA QUEDA, SE EXIBE,
ESGUIA.
TOCA A ÁGUA
COM MAESTRIA.
LINDA. RETA.
UM POUCO ENCURVADA.
ORNAMENTAL.

Foto Satiro Sodré



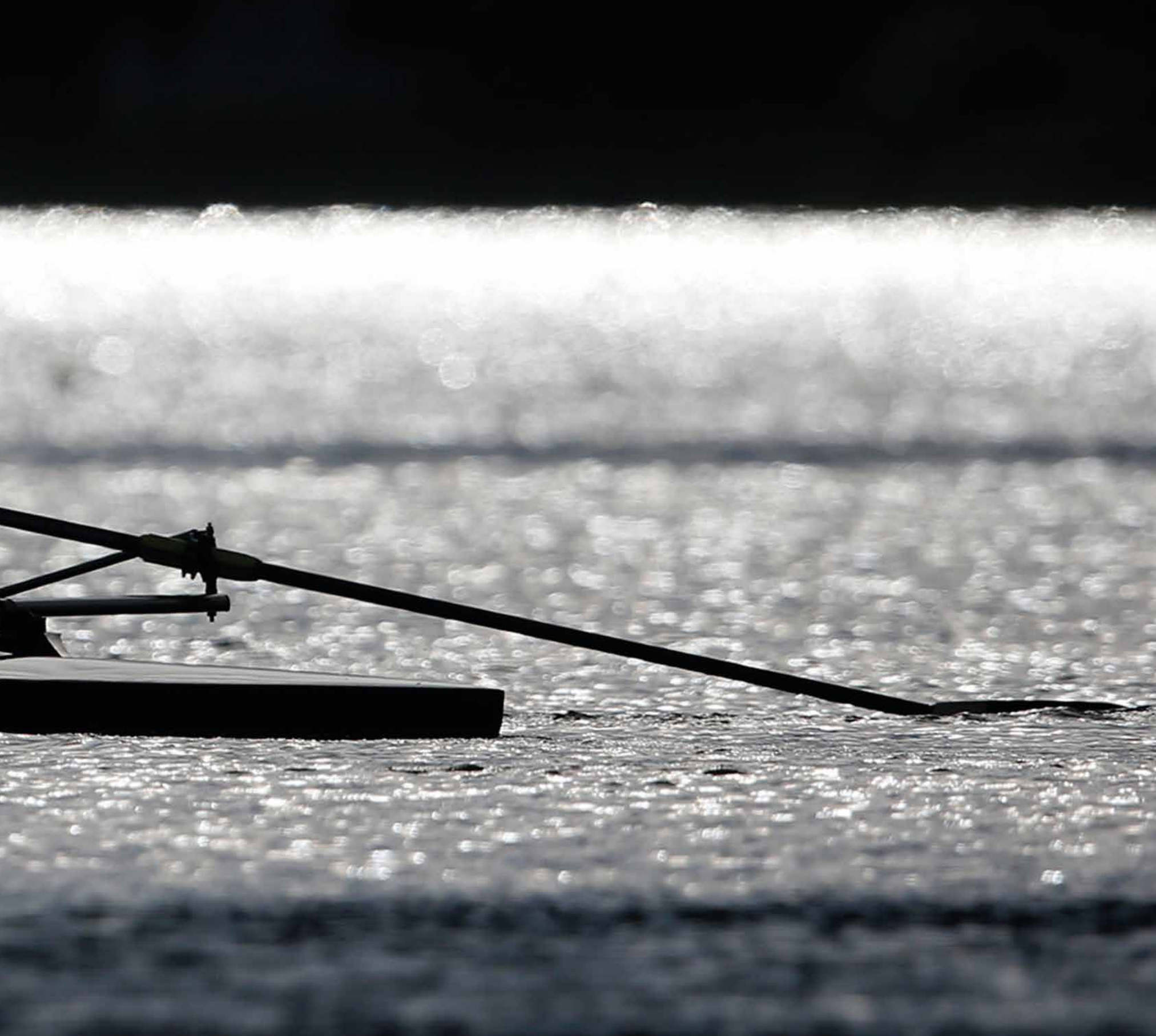
ÁGUA PRA COMPETIR

PULA.
ESTICA.
BATE.
REBATE.
MEXE.
BATE OUTRA VEZ.
TROCA.
RETORNA.
BATE.
VENCE.

Foto Satiro Sodré


HAO
Hammerhead





CENÁRIO
Сценарий
Xenarju

Foto Joan Carol



ARTE

ARTE

CONTEMPLAR

betrachten

contemplatio

숙고하다

Foto Jaewoon U



Mar Oriental da Coreia - Haesindang

(삼척 해신당공원









YONGBIJI RESERVATÓRIO. SEOSAN, COREIA.

Foto Jaewoon U



용비지



Parque Ecológico Jucheon, em Jinan - Coreia.

Foto Jaewoon U



반사

Jinan - Seombawi Millennium Pine - Coreia

Foto Jaewoon U



CONTEMPLAR

o Oregon, nos Estados Unidos, e seus inúmeros cursos d'água e cachoeiras por entre florestas úmidas do noroeste, em uma região conhecida como Columbia River Gorge.

Foto Cristiano Xavier





FUTURO

Ikusasa mangsa

MANGUE SECO DE

JERICOACOARA

As raízes das árvores, no mangue seco de Jericoacoara, no Ceará, seguem expostas, arriba da terra. Sobreviventes. De tão lindas, são visitadas, ali onde o Rio Guriú encontra com o mar e forma uma lagoa de águas salgadas. Visto na maré baixa, guarda as dualidades brasileiras.

Fotos Cristiano Xavier









Foto Cristiano Xavier

Tudo contrasta.
Os galhos dançantes estão imóveis.
Esqueletos de árvores quase milenares.
O clima seco que rodeia o solo salino
Saúda a África. Namibia.
Ali longe, um pouco, de todos nós.
Ancestralidade presente hoje.

Dunas gigantescas comeram o rio.
Seco. Seca. E, ainda que seco, não morre.
Mas pode matar.
Seco, sem água. Seca o lugar,
Que, mesmo vivo, parece morto.
E, quase morto, ainda assim, olhe que lindo.

O laranja congelado é quente.
A imagem é mórbida, ainda que romântica.
Romance que vem do contraste
Laranja fogo
Branco areia
Preto noite
Marrom sombra.

O galho torcido conta a história
Que não pode ser contata porque não aconteceu.
Faltou água e a vida esvaiu-se.
É seco, mas, como é lindo, não chega a ser cruel.
Mas anuncia o que não se tem
Encobertando o que poderia ter sido e não foi.

O cruel é, sim, o futuro que pode não nos visitar
Desaforado, pode se magoar
E, ao persistir em não vir,
Tirará de todos nós o amanhã
Sem o qual tudo acaba hoje.
E, se acaba, é o fim.

Sim, isso é cruel, mesmo que o laranja seco seja lindo.
A paisagem paralisada que exibe troncos dançantes
É um alerta de como a beleza pode ser mórbida
É a vida se descobrindo seca
É a seca procurando ser vida
É o meio do caminho
Entre um começo já longínquo
E um ponto final que não se sabe onde
Por isso, o meio dança
Mais pra lá
Mais para cá
Tentando, ao máximo, esticar o tempo.
Mas, quanto tempo ainda se tem?
Ninguém sabe ao certo
Com água, o tempo é um,
Sem água, é nenhum.


SECO
SECA


SECA
SECO

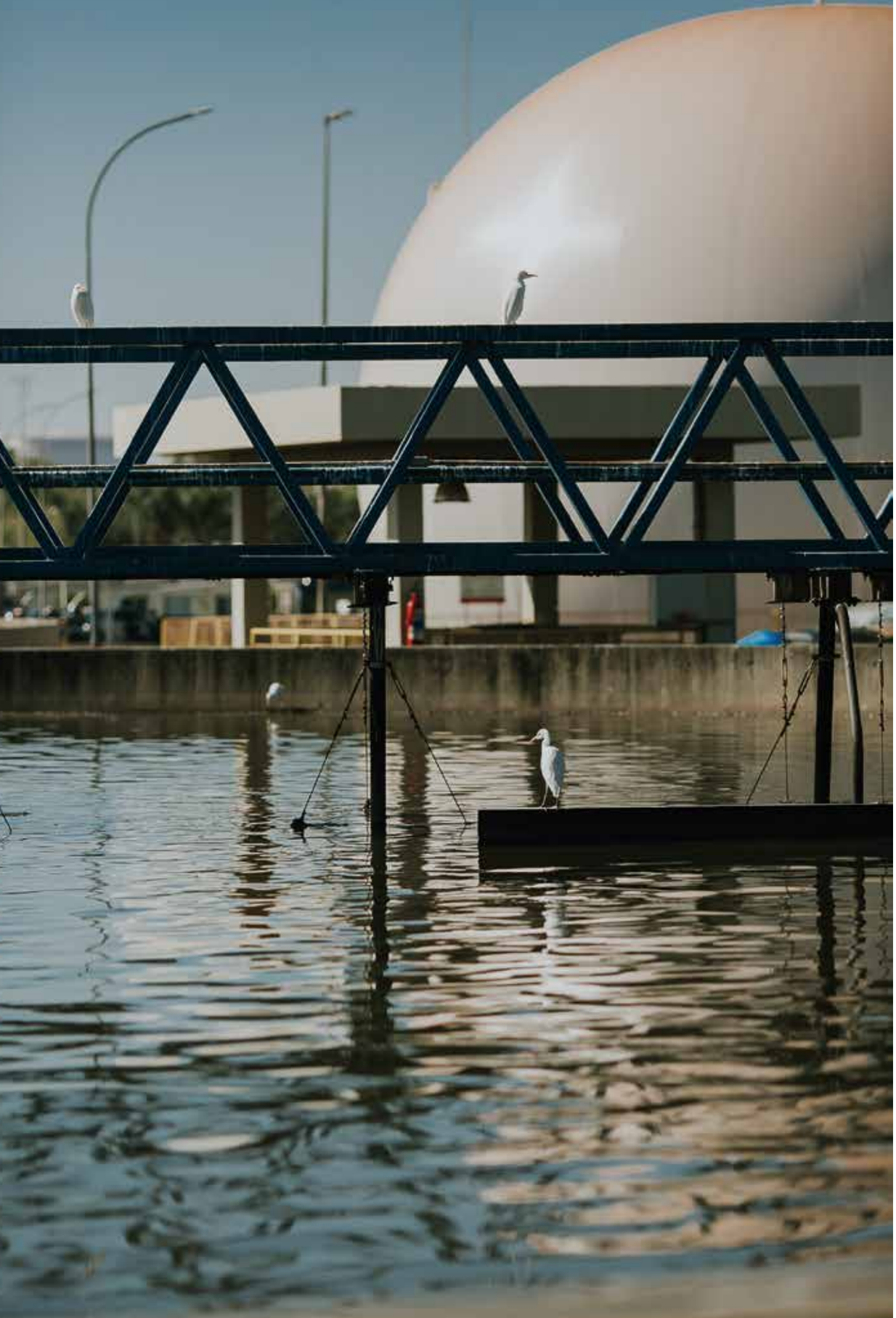


Foto Sté Frateschi



Foto Sté Frateschi

REAPROVEITAR

Reviver água morta
É devolver água limpa.
Fazer circular.

Mais do que uma segunda chance
É a única opção.
Reaproveitar.

Limpar o que está sujo
Descontaminar.
Eliminar doença
Gritar vida
Saúde.
Reabilitar.

O trajeto, que é longo,
Segue o caminho, que é único.
Sai de todos os lugares
Rumo à estação.
Ali, gira de lá pra cá,
Sobe para descer
Desce para subir.
Recebe tratamento
Para retornar.



De um lugar, segue para muitos.
Chega na torneira, na descarga.
Limpa.
E, ao limpar, se suja.
Então, suja, contamina.
De novo,
Sai de todos os lugares
Rumo à estação.
Ali, gira de lá pra cá.
Sobe para descer
Desce para subir.
Recebe tratamento
Para retornar.

E assim vai.
De novo.
Outra vez.
Mais uma.
Reaproveitar, porque é finita.
E fim.

Nascido em Manaus, em 1969, muda-se para o Rio de Janeirto para fazer faculdade de Jornalismo. Em 1995, vai morar em Nova Iorque, para estudar fotografia na School of Visual Arts (S. V. A). Ainda em Nova Iorque, trabalha como *freelance* correspondente, para as revista Caras, Gente; os jornais O Globo, Folha de S. Paulo e Estadão. De volta ao Brasil, em 2001, trabalando com *freelance*. Em 2007, já de volta à terra natal, Manaus, ganhou o Grande Prêmio Ayrton Senna de Jornalismo na categoria Foto-jornalismo com no jornal Amazonas Em Tempo com a matéria "A Terra onde Vivem os Ancestrais."

Alex Pazuello



Alexandre Marchetti ganhou sua primeira câmera aos 6 anos. Aos 17 anos, começou seus estudos em fotografia na Austrália; depois de um breve período trabalhando com fotojornalismo, em 1997, foi selecionado como bolsista no curso de *design*, com especialização em fotografia, da Marywood University, na Pensilvânia, EUA. De volta ao Brasil, retomou o fotojornalismo e também atuou com fotografia editorial e publicitária, colaborando com revistas como Manequim, Exame, Veja São Paulo, VIP, Isto é Gente, e veículos internacionais como L'Officiel (Paris) e In Style (Berlim).

Em 2007 mudou-se para Foz do Iguaçu, no Paraná, onde prestou concurso público e passou em primeiro lugar para a vaga de fotógrafo, na Itaipu Binacional. Hoje, além de fotografar na usina, ele se dedica também a ensaios fotográficos, *fine art photography*; pesquisa processos e equipamentos antigos de fotografia e dá aulas de fotografia.

Alexandre Marchetti



Muhammad Amdad Hossain tem 21 anos e vive em um vilarejo perto da cidade de Chittagong, Bangladesh. Está estudando no último ano de Ciências Políticas na Faculdade de Chittagong da Universidade Nacional de Bangladesh. Está envolvido com a fotografia desde 2015. As categorias de viagem e documentação tem sido o foco de seu trabalho, nos últimos 4 anos. Seu principal objetivo é ver fotos diferentes e exclusivas em viagens e ambiente, através de suas lentes. Suas fotografias foram publicadas em jornais e revistas nacionais e internacionais, como: Daily Observer, New Age, Daily sun, The Independent, The Guardian (Londres), Chiiz Magazine (India), 121 com (Índia), Insider, Wikipedia, Peta Pixel, Forbes, Ze.TT (Alemanha), Geographical, Lifegate, The Irish Sun, The national, PNA Hoboctn, National Geographic, Spider's Web, The objective, Watson (Suíça), RND, UP Magazine, TV 2, SPUTNIK News, P'UBLLCO (Portugal), Protagon.GR, Youthled.

Amdad Hossain



Mineiro de Belo Horizonte, Cristiano Xavier é fotógrafo com grande experiência em fotografia de natureza. Em 2003, mudou-se para os EUA onde busca referências e bebe na fonte de Ansel Adams, Art Wolfe e Galen Rowell. Desenvolve e se destaca pela ampla pesquisa em fotografia noturna e *light painting,* usando tecnologias digital e analógica em que tem como objeto principal as árvores. Viaja para diversos países, na busca de espécimes isolados e raros. "Meu desejo, ao mostrar algo que pouco se vê, é sensibilizar as pessoas para esta beleza." Viajante experiente. Há 7 anos dedica-se a levar pessoas em expedições pelos mais diferentes cenários do mundo, como Mongólia, Ilhas Lofoten, Irã, Namíbia, Madagascar, Yukon, Butão, Dolomitas, Patagônia, Islândia, Nepal, Lençóis Maranhenses, Indonésia e a Caça aos Tornados, nos EUA. Premiado no Brasil e no exterior, com destaque para o primeiro lugar no concurso mundial International Landscape Photographer of the Year 2017 – Abstract Aerial Award, e a melhor colocação de um brasileiro no Epson Pano Awards 2017 – Nature/Landscape. Participou de dez exposições individuais e duas coletivas, com destaque para a mostra The Low Light Trees – 2012, A Luz do Silêncio – 2012 e Visões da Alma – 2014. Em 2018, lançou seu primeiro livro, MAGNA, pela Vento Leste editora com uma coletânea de imagens da natureza em seu estado mais puro. O livro ganhou no mesmo ano, o primeiro lugar na categoria livro de arte, no Prêmio Fernando Pini, o mais conceituado em excelência gráfica da América Latina. Seu trabalho faz parte do acervo da Coleção de Fotografia Contemporânea da Biblioteca Nacional da França (BnF) e suas obras Fine Art com tiragens limitadas são apreciadas desde 2002 em galerias do Brasil, da França e dos EUA.

Cristiano Xavier



Fotógrafo, documentarista, oceanólogo e mergulhador, Enrico Marone captura imagens e histórias de diferentes paisagens e culturas para inspirar as pessoas a perceberem sua relação com a natureza e a importância da conservação dos patrimônios naturais e culturais. Com um olhar documental e artístico, Marone é reconhecido pelo registro de imagens únicas de populações tradicionais costeiras, ribeirinhas e indígenas, seus saberes tradicionais, os ecossistemas que habitam, as áreas protegidas e a biodiversidade em suas múltiplas formas. Entusiasta do audiovisual, ministra cursos e utiliza suas lentes para mostrar, denunciar e motivar as pessoas a olharem e valorizarem o nosso planeta. Autodidata desde a década de 1990, Marone encontrou no mar sua primeira inspiração para a fotografia de natureza, entendendo a relação ancestral do homem com os oceanos. Desde então, compôs um amplo acervo de imagens do Brasil e do mundo, com expedições fotográficas a países da América Latina, África, Ásia e à Antártica. Em 2010, publicou seu primeiro livro autoral: Brasil Atlântico – Um País com a Raiz na Mata, acompanhado de artigos de especialistas em temas costeiros. Realizou a edição fotográfica e iconográfica das publicações Biomas Brasileiros – Retratos de um País Plural e Mata Atlântica – Uma História do Futuro, ambas ganhadoras do Prêmio Jabuti, em parceria com a Conservação Internacional. Com imagens em dezenas de livros de arte e publicações técnicas de instituições como Unesco, IUCN, Ministério do Meio Ambiente, Ibama, ICMBio, Conservação Internacional, The Nature Conservancy (TNC), Rare e SOS Mata Atlântica, Marone também é colaborador de *sites,* jornais e revistas, como National Geographic, Scientific American, Horizonte Geográfico, e O Eco. Nascido em São Paulo (SP), em 1974, Enrico Marone atua no terceiro setor para promover a conservação marinha no Brasil e no mundo.

Enrico Marone


SHAMAR
LIDIA

Érico Hiller nasceu em Belo Horizonte (MG), mas adotou São Paulo como cidade para residir. Seu interesse pela fotografia despertou-se desde muito cedo, mas foi durante a Faculdade de Comunicação Social (ESPM) que realmente aconteceu sua conexão com a fotografia de uma maneira mais intensa e definitiva. Em 2008, realizou um longo ensaio documental sobre as tensões sociais em grandes cidades da Argentina, Brasil, China, Índia, México e Rússia. Entre 2011 e 2012, esteve no Ártico, na Tanzânia, Etiópia, nas Maldivas e na Mata Atlântica, retratando regiões ameaçadas. Essas expedições pelo mundo – Érico já esteve em mais de 50 países — propiciaram a publicação de três livros: Emergentes (2008), Ameaçados (2012) e A Jornada do Rinoceronte (2016). Neste mesmo ano, algumas de suas fotos compuseram a exposição Diários de Viagem, na Leica Gallery, em São Paulo. No Brasil, suas fotos já foram veiculadas nas revistas National Geographic, Marie Claire e Rolling Stone, entre outras publicações. Érico guia grupos de entusiastas e profissionais de fotografia para praticar sua linguagem em viagens para diversos países como Myanmar, Laos e Etiópia. Atualmente, Érico Hiller presta serviços para empresas, ONGs e ministra palestras mostrando seus trabalhos documentais para um grande público. Em A Marcha do Sal (2018), Érico caminhou o trajeto que Mahatma Gandhi percorreu na Índia, em 1930, de Ahmedabad até a praia de Dandi. Um novo livro homônimo foi publicado em 2018. Atualmente, Hiller dedica-se a fotografar histórias de pessoas que não têm acesso seguro à água para viver. O livro Água foi exibido ao público, pela primeira vez, em 2021.

Érico Hiller



Nasceu em 1968, na Coreia do Sul. Formou-se em arte na Universidade Hongik. Trabalha como fotógrafo há 20 anos. Ganhou prêmios em vários concursos por sua arte e fotografia. “Eu, principalmente, tiro fotos da bela natureza da Coréia.”

Jaewoon U



Nasceu em Palamos, uma pequena cidade de marinheiros localizada na bela região da Costa Brava, Espanha. Um de seus primeiros presentes de sua infância amorosa foi uma câmera de filme vintage que lhe mostrou a verdadeira beleza do mundo através de suas lentes. Aos poucos, essa pequena câmera, que começou como um presente insignificante, transformou-se em um hobby que passou a ser toda a sua carreira e profissão.

Sua primeira estreia internacional foi na Coréia, onde teve a chance de retratar seu trabalho e arte no Jeonju International Fest. Seus trabalhos foram posteriormente mencionados em várias revistas e meios de comunicação, como Medium, Design you trust, Chiiz Magazine, Photogrist Magazine, Braut y un largo.

Sem dúvida, Joan Carol é um artista que se destaca por sua incrível exibição de arte, paixão e poder dos quatro elementos principais - terra, vento, água e fogo-, pois se entrelaçam magicamente em sua arte e criam histórias aos olhos do observador.

Seu principal objetivo como artista é capturar a pura beleza e natureza dos sentimentos e emoções mais profundos da alma.

Joan Carol



Lívia Rebehy Queiroz é fotógrafa e farmacêutica formada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Iniciou sua trajetória fazendo suas próprias revelações e cópias em laboratório químico, em sua residência. Sempre em busca de conhecer as diversidades socioculturais e as especificidades de cada local, participou de várias expedições em territórios nacionais e estrangeiros, tais como a Amazônia, o Nordeste, o Norte de Minas, o Sul do Brasil, o Peru, 0 Chile, a Indonésia, a Tailândia e o Vietnã. Essas experiências influenciaram profundamente sua fotografia. Hoje, dispõe de um rico banco de imagens, exemplificadas pelas que estão incluídas neste livro.

Lívia Rebehy



Luciano Candisani produz, há duas décadas, narrativas fotográficas que interpretam culturas tradicionais e ecossistemas ao redor do mundo. Suas imagens, reconhecidas com alguns dos principais prêmios da fotografia mundial, reúnem uma identidade estética e se equilibram de forma peculiar entre arte e documento. São imagens sempre carregadas com a motivação criativa do autor: mostrar a vida nos grandes espaços naturais remanescentes e alertar para a urgência de salvaguardar territórios e culturas em risco. Seus trabalhos aparecem em exposições, galerias de arte e museus ao redor do mundo e são publicadas por revistas conceituadas, como a norte-americana National Geographic e a alemã GEO, além de vários jornais, como o britânico The Guardian e os brasileiros O Estado de S. Paulo e Folha de S. Paulo, entre outros. Sua produção conta ainda com sete livros fotográficos, inúmeras matérias, *workshops* e palestras no Brasil e exterior. A relevância internacional da obra de Candisani o levou a integrar o júri de alguns dos mais respeitados prêmios da fotografia, como o World Press Photo, na Holanda, e o Wildlife Photographer of the Year, na Inglaterra. A repercussão de seu trabalho também lhe rendeu convites para compor importantes coletivos fotográficos, como o Internacional League of Conservation Photographers (ILCP), o Sea Legacy e o The Photo Society. Luciano começou sua carreira fotografando expedições científicas quando ainda era estudante de graduação de Biologia, na Universidade de São Paulo (USP). Sua primeira grande oportunidade profissional surgiu em 1996, quando foi convidado a integrar uma expedição de três meses para as Ilhas Shetlands do Sul, na Antártica, com o objetivo de documentar a vida marinha sob o gelo para o Instituto Oceanográfico da USP. Fotografou na Patagônia, Amazônia, Atol das Rocas, Ilhas Darwin e Wolf, Ilhas Malvinas, Tonga e Filipinas. Em 1998, passou sete meses a bordo da escuna Aysoo, em expedição pela Patagônia e Terra do Fogo. O trabalho de Candisani foi tema de inúmeras reportagens e documentários. O mais recente é o aclamado filme Haenyeos: A Força do Mar, da cineasta Lygia Barbosa (Tru3lab, 2018). O longa-metragem, em cartaz no canal NatGeo, conta a história das mulheres do mar da Ilha de Jeju, na Coreia do Sul, por meio do olhar de Candisani. Ele é seguido pelas câmeras de cinema e compartilha com elas suas motivações criativas para a interpretação da história diante de suas próprias lentes. Luciano Candisani vive entre a floresta e o mar, em Ilhabela, no litoral sudeste do Brasil.

Luciano Candisani



A paixão original era a natureza. Mas, ainda na adolescência, comecei a observá-la através das lentes de uma máquina fotográfica. Quando a vida profissional passou a ser a conservação do meio ambiente, estavam combinados os ingredientes para que eu pudesse me aventurar pela carreira de fotógrafo de natureza. Sou natural de Curitiba (PR), mas já vivi e atuei literalmente de Norte a Sul do país. Aliando a fotografia aos projetos de conservação, tive oportunidade de registrar os mais remotos cantos do Brasil, além de diversos outros países. Ao longo da minha trajetória profissional, dentre outras coisas, vivi por um ano e meio dentro da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (AM); trabalhei em parceria com povos indígenas na Amazônia; atuei no fortalecimento do turismo e registro fotográfico dos nossos parques; e participei de uma expedição de veleiro para a Antártica. Minha relação com a fotografia é pautada pelo meu ideal de tentar aproximar e melhorar a relação da sociedade com a natureza. Por isso, busco sempre ter extremos cuidados técnico e estético, na busca de registrar imagens com capacidade de instigar a curiosidade e estimular o senso estético das pessoas. Hoje, baseado em Lagoa Santa (MG), atuo na produção de um banco de imagens diversificado, mas com foco principal na natureza e suas relações com a sociedade. Tenho imagens publicadas em diversos livros, revistas, calendários, guias de viagem, agendas, dentre outros. Produzo também uma coleção específica de imagens Fine Art para galerias e lojas, além de organizar expedições fotográficas, cursos e oficinas de fotografia *outdoor*.

Marcos Amend



Nasceu e cresceu no Quênia. Chegou no Brasil em 1979, e morou por 25 anos no Rio de Janeiro, onde se casou com Gérard Moss. Em 2006, mudaram-se para Brasília. No decorrer da vida compartilhada de 40 anos, fizeram inúmeras expedições de longa distância, incluindo uma volta ao mundo de avião leve no início da década de 1990. Desde 2003, realizaram vários projetos ambientais no Brasil, sempre ligados à água doce. No primeiro projeto, Brasil das Águas, o foco foi a conscientização sobre a qualidade dos rios e lagos do país, para inspirar cuidados e proteção desse recurso vital. No último projeto, Rios Voadores, destacava a importância da preservação da mata amazônica para garantir as chuvas geradas graças à evapotranspiração da floresta.

Margi Moss



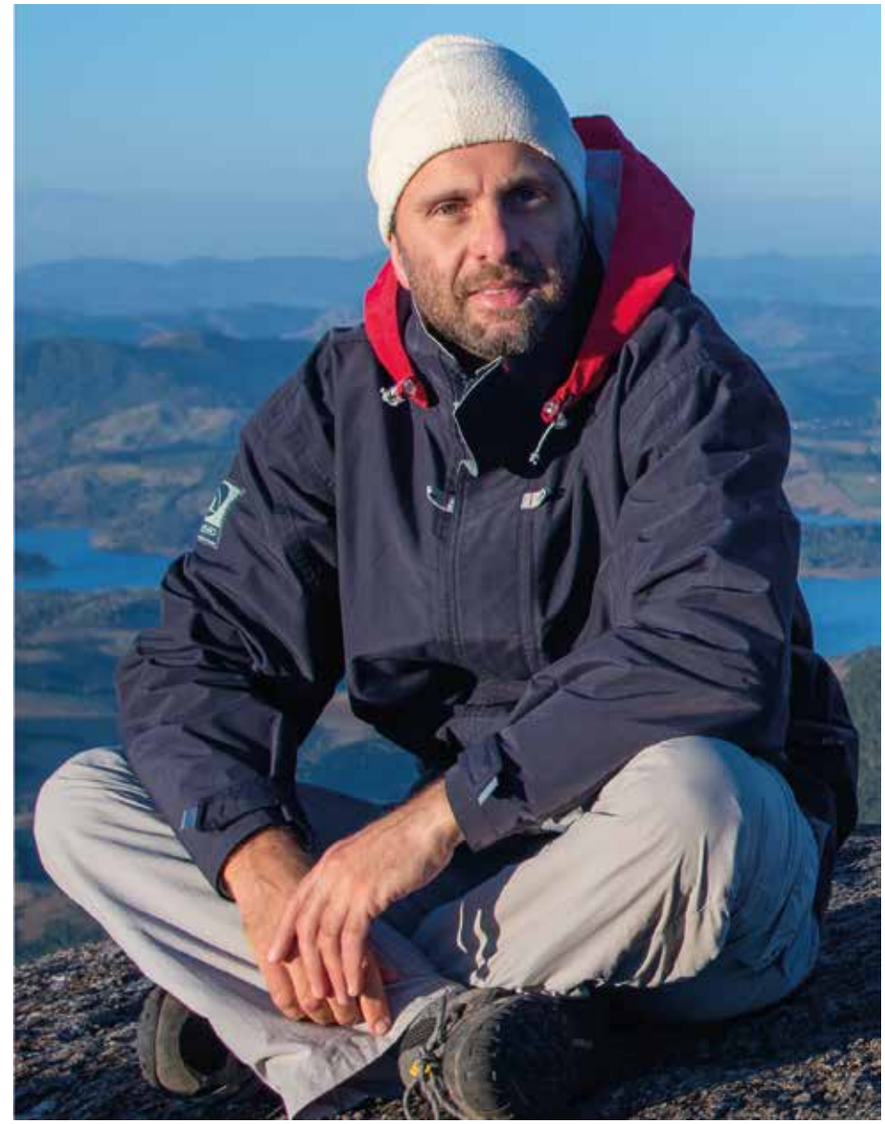
Iniciou sua carreira na fotografia em 1986 e, desde então, realiza viagens para retratar as diferentes formas de expressão cultural dos grupos étnicos brasileiros. A identificação com o universo indígena vem desde a infância, e se consolidou logo nos primeiros contatos com tribos em áreas remotas do Amazonas e também por meio da profunda amizade que manteve com o sertanista Orlando Villas Bôas. Sua obra fotográfica já figurou em importantes exposições como, no O Último Kuarup, Masp em 2006 e na mostra itinerante, A Última Viagem de Orlando Villas Bôas, que percorreu 12 capitais brasileiras. Seu talento também foi reconhecido em Paris, em uma coletiva no Palais de la Découvert. Krahô, os Filhos da Terra, de 1996, foi seu primeiro livro. E vieram muitos outros, entre eles Pavilhão da Criatividade (1999), Sondagem na Alma do Povo – Acervo de Arte Popular Brasileira do Museu Edison Carneiro (2005, RJ), em parceria com Maureen Bisilliat; Mar de Minas (2008), um retrato dos 34 municípios no entorno do Lago de Furnas; Universo Amazônico (2012, SP); e Minas Além das Gerais (2012, MG). Atualmente, dedica-se integralmente ao seu projeto Ameríndios do Brasil, que busca resgatar, através da fotografia, o que temos de melhor de nossa cultura ancestral. O trabalho visa à criação e a construção de um grande acervo etnofotográfico brasileiro.

Renato Soares



Paulistano, atualmente baseado em São Sebastião, no litoral norte de São Paulo, comecei a fotografar ainda criança e me tornei profissional aos 23 anos. Atualmente ,trabalho apenas ao ar livre, inclusive para os ensaios femininos. Para a fotografia de natureza, utilizo os mais diversos modos de captura, fazendo não apenas fotografias terrestres como também subaquáticas e aéreas, assim como imagens interativas em 360°. Com fotografias publicadas em 5 livros de autores diversos, em dezembro de 2013, foi lançado o primeiro livro de minha autoria, chamado O Brasil da Copa, com edição esgotada. Em novembro de 2020, lancei meu segundo livro, As Mais Belas Trilhas da Patagônia, à venda nesse *site*. Ao longo dos anos, minhas fotos foram expostas em diversas cidades, como Milão (Itália), São Paulo, Manaus, Recife, Rio de Janeiro (Museu Nacional), Angra dos Reis e Santo André.

Ricardo Feres



Satiro Sodré começou sua carreira fotográfica em 1989, quando foi contratado para trabalhar na Federação Aquática do Rio de Janeiro (Farj). Em 1995, passou a trabalhar para a Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos (CBDA). Especializado em esportes gerais, esteve nas coberturas dos Jogos Olímpicos de Sydney, 2000, Atenas, 2004, Pequim, 2008, Londres, 2012 e Rio 2016, nos Jogos Pan-Americanos de Winnipeg, 1999, Santo Domingo, 2003, Rio, 2007 e Guadalajara, 2011, Toronto, 2015 além de 27 Campeonatos Mundiais.

Satiro Sodré


speedo
Canon
FFICIAL
PHOTO

Sté Frateschi é fotógrafa e artista visual por vocação, inspiração e formação, há 12 anos. Sua arte documental diferencia-se e destaca-se pelo seu trabalho autoral e cheio de sensibilidade já realizou trabalhos em diversas áreas da fotografia, mas hoje prioriza arte, cultura e educação, que condizem inteiramente com o que acredita.

Sté Frateschi



Tushar é reconhecido como um dos principais fotógrafos de documentários *freelance* em Dhaka Bangladesh. A fotografia é sua profissão, paixão, *hobby*, amor e vida. Após sua formatura na Universidade de Dhaka, levou a fotografia a sério e, desde 2000, trabalha como fotógrafo profissional em tempo integral. Seu principal interesse e foco na fotografia são questões de direitos humanos, meio ambiente, pessoas e fotografia de viagem. Sua dedicação à fotografia para fazer excelentes trabalhos, habilidades artísticas e busca constante da beleza, boa atitude em relação às instruções, capacidade de trabalho, boas habilidades sociais e interpessoais, ensino, organização e premiação internacional fizeram dele um dos melhores fotógrafos de Bangladesh. Fornece regularmente imagens e realiza comissões de grandes e prestigiosas organizações, ONGs, jornais, revistas, agências fotográficas, indústrias e clientes empresariais de todo o mundo. Suas imagens foram publicadas em The Times UK, The Telegraph, The Guardian, The Washington Post, revista Forbes, BBC, National Geographic, Daily Mail, Sunday Post, Express UK, The Sun, The Atlantic, USA Today, NPR, Huffington Post, Financial Times e renomadas agências de notícias internacionais.

Yousuf Tushar


PHASEONE
PHASEONE